

SÉRIE
A RESPOSTA DA TERRA

Experiências socioambientais
DESENVOLVIDAS NA REGIÃO DO ARAGUAIA XINGU

O QUE TEMOS APRENDIDO?

**Experiências socioambientais desenvolvidas
na região do Araguaia Xingu**

O QUE TEMOS APRENDIDO?



O **INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA)** é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), fundada em 22 de abril de 1994, por pessoas com formação e experiência marcantes na luta por direitos sociais e ambientais. Tem como objetivo defender bens e direitos coletivos e difusos, relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos humanos e dos povos. O ISA produz estudos e pesquisas, implanta projetos e programas que promovam a sustentabilidade socioambiental, valorizando a diversidade cultural e biológica do país.

Para saber mais sobre o ISA consulte www.socioambiental.org

Conselho Diretor: Neide Esterci (presidente), Marina Kahn (vice-presidente), Ana Valéria Araújo, Anthony R. Gross, Jurandir M. Craveiro Jr.

Secretário Executivo: André Villas-Bôas

Secretária Executiva Adjunta: Adriana Ramos

Apoio institucional



O **PROGRAMA XINGU** do ISA visa a contribuir com o ordenamento socioambiental da Bacia do Rio Xingu, considerando a expressiva diversidade socioambiental que a caracteriza e a importância do corredor de áreas protegidas de 28 milhões de hectares, que inclui Terras Indígenas e Unidades de Conservação, ao longo do rio. Desenvolve um conjunto de projetos voltados à proteção e sustentabilidade dos 24 povos indígenas e das populações ribeirinhas que habitam a região, à viabilização da agricultura familiar, adequação ambiental da produção agropecuária e proteção dos recursos hídricos.

Coordenador do Programa Xingu: André Villas-Bôas

Coordenadores Adjuntos: Marcelo Salazar, Paulo Junqueira e Rodrigo Gravina Prates Junqueira

ISA SÃO PAULO (sede) Av. Higienópolis, 901, 01238-001. São Paulo (SP), Brasil. Tel: (11) 3515-8900, fax: (11) 3515-8904, isa@socioambiental.org

ISA BRASÍLIA SCLN 210, bloco C, sala 112, 70862-530, Brasília (DF). Tel: (61) 3035-5114, fax: (61) 3035-5121, isadf@socioambiental.org

ISA MANAUS R. Costa Azevedo, 272, 1º andar, Largo do Teatro, Centro, 69010-230, Manaus (AM). Tel/fax: (92) 3631-1244/3633-5502, isamao@socioambiental.org

ISA BOA VISTA R. Presidente Costa e Silva, 116, São Pedro, 69306-670, Boa Vista (RR). Tel: (95) 3224-7068, fax: (95) 3224-3441, isabv@socioambiental.org

ISA SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA R. Projetada, 70, Centro, 69750-000 S. Gabriel da Cachoeira (AM). Tel/fax: (97) 3471-1156, isarn@socioambiental.org

ISA CANARANA Av. São Paulo, 202, Centro, Canarana, 78.640-000. Tel (66) 3478-3491, isaxingu@socioambiental.org

ISA ELDORADO R. Paula Souza, 103, 11960-000, Eldorado (SP). Tel: (13) 3871-1697/1545, isaribeira@socioambiental.org

ISA ALTAMIRA R. Professora Beliza de Castro, 3253, Bairro Jd. Independente II, 68372-530, Altamira (PA). Tel: (93) 3515-0293

PROJETO “DISSEMINANDO A CULTURA AGROFLORESTAL NA REGIÃO DO ARAGUAIA XINGU”

Responsáveis institucionais pelo projeto PDA/Padeq

Rodrigo Gravina Prates Junqueira (ISA)

Carlos García Paret (ISA)

Eric Deblire (ISA)

Cristina Velasquez (ISA)

Vânia Costa Aguiar (Ansa)

Claudia Alves de Araújo (CPT)

Juliana Almeida (Opan)

EXECUÇÃO



PARCEIROS



APOIO



Ministério do Meio Ambiente



SÉRIE
A RESPOSTA DA TERRA

ORGANIZAÇÃO
CARLOS GARCÍA PARET

VOLUME 3

**Experiências socioambientais desenvolvidas
na região do Araguaia Xingu**

O QUE TEMOS APRENDIDO?

São Paulo, março de 2014.



SÉRIE

A RESPOSTA DA TERRA

VOLUME 3

Experiências socioambientais desenvolvidas na região do Araguaia Xingu

O QUE TEMOS APRENDIDO?

Organização

Carlos García Paret

Edição

Carlos García Paret

Revisão

Juliana de Lima Splendore

Colaboração

Daniel Brandão (Move)
Eduardo Malta Campos Filho (Move)
Claudia Araújo (CPT)
Juliana Evangelista (CPT)
Flávia Aguiar da Silva (CPT)
Ana Lúcia Silva Sousa (ANSA)
Vânia Costa Aguiar (ANSA)
Raúl Vico (ANSA)
Mateus Gomes (ANSA)
Juliana Almeida (OPAN)
Paulo Varalda (OPAN)
Vinicius Benites (OPAN)
Lola Campos (OPAN)
Rodrigo Junqueira (ISA)
Cristina Velasques (ISA)
Luciano Eichholz (ISA)
José Nicola Martorano da Costa (ISA)
Bruna Dayanna Souza (ISA)
Natalia Guerin (ISA)
Heber Queiroz Alves (ISA)

Fotografia

Luis Mena
Alexandre Macedo
Carlos García Paret

Mapas

Heber Queiroz Alves

Projeto gráfico e diagramação

Ana Cristina Silveira/AnaCê Design

LICENÇA



Para democratizar a difusão dos conteúdos publicados neste livro, os textos estão sob a licença Creative Commons (www.creativecommons.org.br), que flexibiliza a questão da propriedade intelectual. Na prática, essa licença libera os textos para reprodução e utilização em obras derivadas sem autorização prévia do editor (no caso o ISA), mas com alguns critérios: apenas em casos em que o fim não seja comercial, citada a fonte original (inclusive o autor do texto) e, no caso de obras derivadas, a obrigatoriedade de licenciá-las também em Creative Commons.

Essa licença não vale para fotos e ilustrações, que permanecem em copyright ©.

Você pode:



Copiar e distribuir os textos desta publicação.



Criar obras derivadas a partir dos textos desta publicação.

Sob as seguintes condições:



Atribuição: você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada no crédito do texto.



Uso não-comercial: você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.



Compartilhamento pela mesma Licença: se você alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

SUMÁRIO

- 6** **Aprendendo a se fazer as perguntas corretas...**
- 8** **As entidades da Articulação Xingu Araguaia (AXA)**
- 11** **A região do Araguaia Xingu**
- 17** **O trabalho realizado pelas entidades da AXA**
- 25** **Avaliando o trabalho da AXA**
- 30** **O que aprendemos na avaliação?**
- 39** **O que fizemos com tudo isso?**

APRENDENDO A SE FAZER AS PERGUNTAS CORRETAS...

Avaliar é uma palavra derivada que vem do latim “valere”, valor. Avaliar quer dizer etimologicamente extrair o que tem valor. É natural do ser humano e dos grupos extrair o mais valioso das experiências da vida. Essa é a base da aprendizagem e com isso conseguimos melhorar a nossa postura no mundo e a capacidade de agir dentro dele de uma forma mais coerente e harmoniosa.

Paulo Freire afirmava sobre o processo de aprendizagem: “uma educação de perguntas é a única educação criativa e apta a estimular a capacidade humana de assombrar-se, de responder ao seu assombro e resolver seus verdadeiros problemas essenciais”. Foi com esse espírito de aprendizagem que a Articulação Xingu Araguaia, rede de organizações que trabalham no âmbito socioambiental ao longo da BR-158 no nordeste de Mato Grosso, decidiu em 2010 realizar um processo de avaliação. Dessa forma, analisaram-se os resultados das principais intervenções realizadas nos últimos anos nos assentamentos de reforma agrária.

Essas intervenções procuravam estabelecer um diálogo com a sociedade, mostrando a necessidade de outra forma de desenvolvimento mais respeitosa com a floresta e que incorporasse população local de uma maneira mais justa, oferecendo-lhe mais oportunidades. As organizações da AXA, impulsionadas pela Campanha Y’Ikatu Xingu e coordenando os trabalhos no espaço da própria articulação, dedicaram aproximadamente 10 milhões de reais e seis anos de trabalho à recuperação da floresta, à criação de alternativas de geração de renda com a floresta em pé e à mobilização a sociedade em prol desses objetivos. Esse trabalho iniciou-se no ano de 2006 em um contexto de altas taxas de desmatamento e queimadas e de uma problemática social herdada do modelo de ocupação de grandes propriedades e pecuária extensiva. Nessa empreitada os mem-

bro da articulação sempre tiveram a consciência de pertencer a uma corrente maior: não fomos os primeiros nem seremos os últimos. Tal e como afirmava Bernardo de Chartres, filósofo do século XII “Somos como anões nos ombros de gigantes. Podemos enxergar mais, e mais longe que eles, não por alguma distinção física nossa, mais porque somos levantados pela sua grande altura.

O processo de avaliação é um esforço de compreensão dos resultados concretos dos processos de intervenção realizados nos assentamentos de reforma agrária da região. Interessava-nos voltar às perguntas iniciais que motivaram a nossa ação e ver a adequação da nossa resposta depois dos esforços realizados. Interessava-nos, também, questionar a pertinência dessas perguntas: é possível parar o processo de destruição da natureza? Existem caminhos para recuperar o que já foi destruído? É possível desenvolver um modelo alternativo que gere renda ao agricultor familiar sem destruir a mata? Há um espaço de diálogo para envolver a todos os setores da sociedade nessa tarefa? Precisávamos ouvir de novo os assentados, os técnicos envolvidos e os que observaram esse processo de fora. O resultado da avaliação foi uma riqueza de pontos de vista e, dentre eles, alguns consensos sobre os acertos e os erros. Citando Paulo Freire novamente: “é justamente o equivocar-se que permite avançar no conhecimento”.

A avaliação apresentou-se como algo inovador no processo de construção da própria articulação, necessário para o amadurecimento desse espaço interinstitucional e para o aprimoramento do trabalho e da capacidade de dialogar sobre alternativas de desenvolvimento no nível regional.

Foi fundamental para a realização do trabalho a colaboração da empresa de consultoria Move ([HTTP://MOVESOCIAL.COM.BR/](http://MOVESOCIAL.COM.BR/)) devido à sua ampla experiência em avaliações sociais e institucionais.

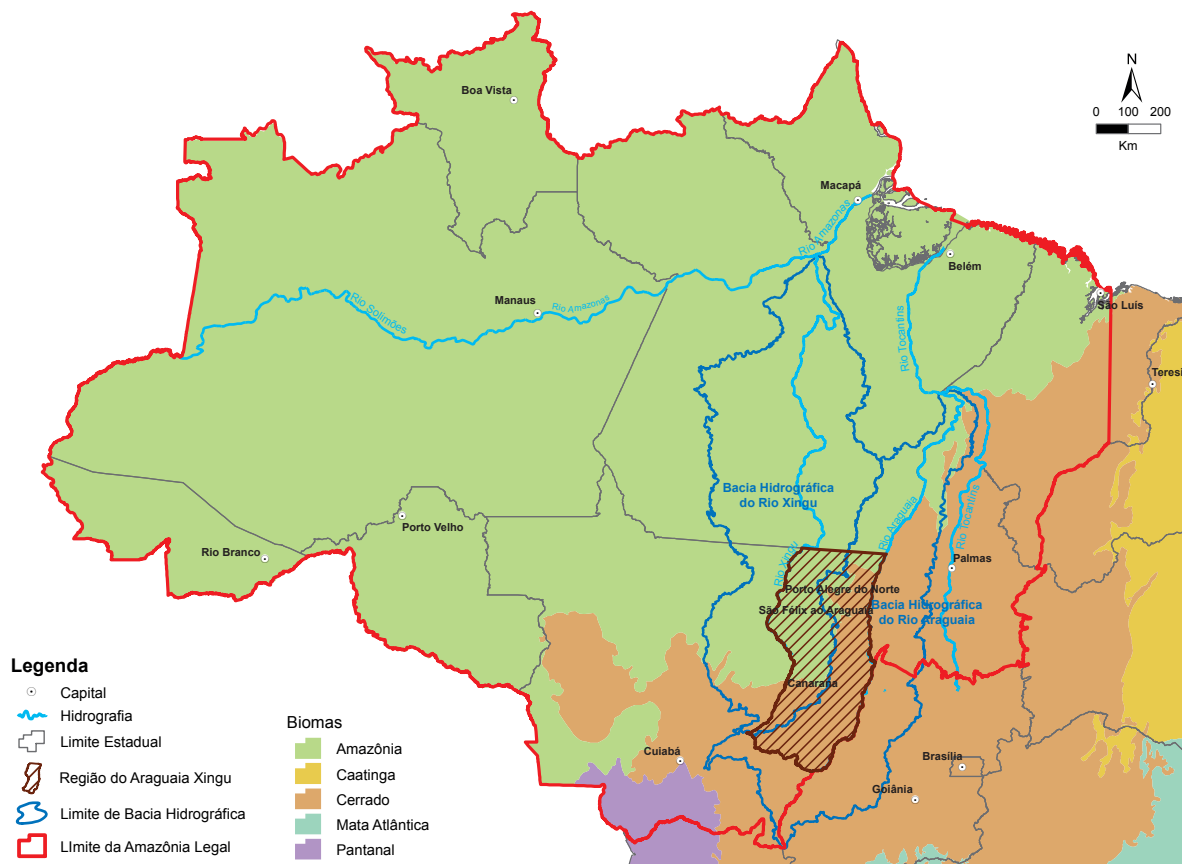
A avaliação foi realizada ao longo de quatro meses em 2011, da qual participaram quatro organizações, quinze técnicos, vinte responsáveis institucionais e 100 assentados.

Nesta publicação procuramos partilhar as principais aprendizagens deste processo com os parceiros da AXA e com as instituições envolvidas em intervenções similares. Por outro lado, nestas páginas queremos contribuir também ao desenvolvimento de uma cultura de avaliação das intervenções locais, algo tão necessário, mas incipiente em nossas atuações.

A publicação “*Avaliando as experiências socioambientais desenvolvidas na região do Araguaia Xingu*” é o terceiro material da série “A resposta da terra”, desenvolvida no âmbito do projeto “disseminando a cultura agro-florestal na região do Araguaia Xingu” e financiado pelo programa PDA-PADEQ do Ministério de Meio Ambiente. Desta forma completa-se o esforço da Articulação Xingu Araguaia de explicar: o contexto da região do Araguaia Xingu, a pertinência e abrangência das principais intervenções desenvolvidas para a construção de outro modelo de desenvolvimento e as dificuldades e aprendizagens extraídas.

LOCALIZAÇÃO

No destaque, área de atuação da AXA nas bacias dos rios Xingu e Araguaia



ISA, 2012. Fontes: Capital e Limite Estadual: IBGE/DGC. Base Cartográfica Contínua, ao milionésimo – BCIM: versão 3.0. Rio de Janeiro, 2010; Hidrografia: IBGE em <http://sigel.aneel.gov.br/>; Região do Araguaia Xingu: ISA, 2011; Bacia Hidrográfica: ANA, 2006; Amazônia Legal Brasileira: Lei 1.806 de 06/01/1953; Biomas: IBGE, 2004 (primeira aproximação)

AS ENTIDADES DA ARTICULAÇÃO XINGU ARAGUAIA – AXA

PALAVRAS CHAVE: ATORES, ENTIDADES SOCIAIS, ARTICULAÇÃO, PARCEIROS, SINERGIA, TERCEIRO SETOR, CIDADANIA.

Extrato do relatório de avaliação da MOVE:

Quem é a AXA



A AXA surge em 2007 do encontro de dois processos sociais que aconteciam na região do Araguaia Xingu. Por um lado, a articulação tem origem na Campanha Y'Ikatu Xingu, trabalho compartilhado por diversas instituições para a recuperação das nascentes e das matas ciliares da Bacia do Rio Xingu, que iniciava suas ações em Canarana (MT) em 2006. Por outro lado, a AXA é também resultado da atuação militante, desde a década de 1970, das organizações sociais nascidas ou inspiradas na Prelazia de São Félix do Araguaia (MT), principalmente a Comissão Pastoral da Terra (CPT), a Associação Nossa Senhora da Assunção (Ansa) e a Associação Terra Viva (ATV). A partir desse encontro e do envolvimento dos assentados, agricultores familiares e indígenas, público alvo do trabalho de todas essas instituições, criou-se um espaço interinstitucional que ajudaria a coordenar os trabalhos realizados no eixo da BR-158.

O objetivo dessa aliança é mobilizar a sociedade para criar uma alternativa sustentável de manejo da terra, de recuperação de áreas degradadas e de geração de renda a partir da floresta em pé, por meio de ações e empreendimentos sustentáveis demonstrativos e de sensibilização. Além da mobilização de grupos e da colaboração e/ou fiscalização de políticas públicas, a AXA visa

a contribuir para a transformação social incentivando uma nova maneira de desenvolvimento nas bacias dos Rios Araguaia e Xingu.

VISITE O SITE DA AXA:

[HTTP://WWW.AXA.ORG.BR/](http://www.axa.org.br/)

As entidades da AXA



A **Comissão Pastoral da Terra (CPT)** nasceu em junho de 1975, durante o Encontro de Pastoral da Amazônia, convocado pela

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Pastoral significa, através da convivência, apoio e assessoria, ser uma presença solidária, ecumênica e fraterna que presta um serviço educativo e transformador junto aos povos da terra e das águas, para estimular e reforçar seu protagonismo. Os posseiros da Amazônia foram os primeiros a receberem atenção da CPT. Seja a terra garantida ou conquistada, o desafio era o de nela sobreviver. Por isso, a agricultura familiar passou, com o tempo, a ter um destaque no trabalho da entidade, tanto na organização da produção, que precisava ser saudável (daí a agroecologia), quanto da comercialização. A CPT atua na região do Araguaia Xingu desde sua fundação, primeiro nos conflitos de luta pela terra, e, depois, na permanência na terra. Tinha na década de 80, junto aos agentes pastorais da Prelazia da região, especialistas em saúde, em educação e direito. Em 1988, a CPT começou a ter equipes próprias “liberadas”, com as quais os agentes pastorais se

tornaram “equipe ampliada”. A equipe liberada adquiriu um caráter mais técnico e voltado à permanência na terra, que passou a ser a maior questão a partir de 2000. A partir de 1997, a CPT implantou com a **Associação Terra Viva (ATV)**, organização de apoio à ecologia com sede em Porto Alegre do Norte, as primeiras agroflorestas da região. Dessa forma, surgiu o termo “Casadão”, que denomina aquele sistema que integra princípios da agroecologia, da agricultura familiar, da permacultura e do manejo de sistemas agrofloretais.



A **Associação Nossa Senhora da Assunção (ANSA)** foi fundada em 1974, em plena ditadura militar, pela Tia Irene, pelo bispo Dom Pedro Casaldáliga, por leigos militantes e por agentes de pastoral, como um braço leigo da Prelazia de São Félix do Araguaia para o apoio ao trabalho social e comunitário. A ANSA busca, através de ações sociais e de desenvolvimento sustentável, resgatar a dignidade, os direitos e a construção de cidadania plena das comunidades indígenas, de agricultores e ribeirinhos. Atua na região do Araguaia Xingu desde sua fundação, tendo ancorado projetos de grande porte, como o de saúde indígena e o Gestar. Atualmente a ANSA desenvolve projetos de combate à hanseníase, crédito popular solidário, educação, cidadania e geração de renda, incluindo o projeto socioambiental e a Fábrica de Polpas Araguaia.



O **Instituto Socioambiental (ISA)** foi fundado em 1994, para propor soluções sustentáveis e integradas a questões sociais e ambientais, envolvendo diferentes setores da sociedade. Tem como objetivo principal defender bens e direitos sociais, coletivos e difusos relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos humanos e dos povos e valorizar a diversidade socioambiental. Trabalha com comunidades indígenas há 15 anos, no Rio Negro (AM) e no Parque Indígena do Xingu (MT), e com comunidades quilombolas do Vale do Ribeira (SP).

O trabalho do ISA estendeu-se para o entorno do Parque Indígena do Xingu e para o Araguaia a partir de 2006, com a Campanha Y Ikatu Xingu. Desde então começou a trabalhar em assentamentos rurais e em pequenas, médias e grandes propriedades, promovendo o reflorestamento de matas ciliares, a diversificação da produção e a geração de renda a partir da cultura agroflorestral.



A **Operação Amazonia Nativa (OPAN)** foi a última organização a integrar a AXA e trabalha ativamente na região e dentro do espaço da articulação. Com sede em Cuiabá ela é a primeira organização indigenista fundada no Brasil, em 1969. Atua em favor do fortalecimento do protagonismo indígena no cenário regional, valorizando sua cultura e seus modos de organização social, através da qualificação das práticas de gestão de seus territórios e dos recursos naturais, com autonomia e de forma sustentável. A OPAN atua na região do Araguaia Xingu desde 2009 apoiando ao povo Xavante de Marãiwatsédé.



Finalmente, o **Forum Matogrossense de Meio Ambiente e Desenvolvimento (FORMAD)** foi criado em abril de 1992 com a finalidade democratizar as informações e o debate sobre as questões socioambientais e, ao mesmo tempo, propor alternativas de desenvolvimento sustentável para a melhoria das condições de vida da população. O Fórum congrega atualmente 30 organizações da sociedade civil (entidades populares, sindicais, eclesiais, ambientalistas, indigenistas e de pesquisa científica) que atuam no Estado de Mato Grosso. O FORMAD colaborou ativamente nos primeiros três anos de atuação da AXA no seio do projeto Governança Florestal financiado pela União Europeia e desenvolvido junto ao ICV, ao ISA e ao Sindicato de Lucas de Rio Verde.

AS ENTIDADES DA AXA AVALIAM AS EXPERIÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS DESENVOLVIDAS NO ARAGUAIA XINGU

“**A** Articulação Xingu Araguaia (AXA), composta pelo ISA, CPT, ATV, ANSA e OPAN, é um dispositivo de caráter político e técnico orientado para fortalecer sua capacidade de incidência sobre questões públicas e para intercambiar abordagens e formas de intervenção em assentamentos de reforma agrária do Estado de Mato Grosso, localizados em uma região outrora conhecida como “Vale dos Esquecidos” e atualmente reconhecida como parte do “Arco do Desmatamento” da Floresta Amazônica.

Os assentamentos são marcados por políticas que privilegiaram modelos de produção de alto impacto ambiental, com a pecuária como atividade central, numa lógica técnica onde o desmatamento e as queimadas eram base da instalação do sistema produtivo. A atuação de cada uma das organizações que compõem a AXA acontece em assentamentos específicos e com estratégias próprias que respeitam seus posicionamentos políticos e procedimentos técnicos historicamente construídos. A CPT, orientada para a fixação do homem no campo, desenvolve há 10 anos o sistema casadão, um sistema agroflorestal; a ANSA, com foco na geração de renda e segurança alimentar, atua com o plantio e comercialização de frutas para sua fábrica

de polpas, e o ISA, com o mote da Campanha Y Ikatu Xingu, promove a restauração das matas ciliares com base em princípios agroflorestais. A OPAN ainda não tem uma ação direta e específica nos assentamentos.

Com o objetivo de fortalecer e disseminar seu posicionamento a AXA estabeleceu como objetivo estratégico para 2011-2012 consolidar e disseminar aprendizagens de sua atuação. Uma avaliação externa foi contratada para conhecer resultados concretos do trabalho da articulação e gerar um conjunto de informações capazes de provocar questões de desenvolvimento do grupo.

A avaliação foi realizada entre maio e setembro de 2011, liderada pela Move – Avaliação e Estratégia em Desenvolvimento Social, e resultou em um conjunto de documentos com dados quantitativos e qualitativos. Estes foram debatidos em uma oficina e geraram a consolidação de aprendizagens e recomendações”.

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO
REALIZADO PELA MOVE.

[HTTP://MOVESOCIAL.COM.BR/](http://movesocial.com.br/)

A REGIÃO DO ARAGUAIA XINGU

PALAVRAS CHAVE: ANÁLISE DA REALIDADE, ARCO DE DESMATAMENTO, FRONTEIRA AGRÍCOLA, REFORMA AGRÁRIA, GRILAGEM, CONCENTRAÇÃO FUNDIÁRIA, AGROPECUÁRIA EXTENSIVA, SOJA, FOGO, POBREZA.

A região nordeste de Mato Grosso é onde acontecem as experiências desenvolvidas pela Articulação Xingu Araguaia e apresentadas nesta publicação. Trata-se de uma região que foi sendo incorporada paulatinamente à dinâmica de desenvolvimento nacional desde meados do século passado. Porém, hoje persistem características típicas dos territórios de fronteira: escassa população (276.332 habitantes e uma densidade de 1,5 habitantes por km²), isolamento geográfico (1.200 km da capital) e o modelo de desenvolvimento que é percebido como imposto, focado no uso extensivo dos recursos naturais e de escassos resultados econômicos (0,16% do PIB nacional). Além do mais, seu processo de ocupação recente faz com que seja um território de identidade social, cultural e política ainda em construção e conflito. Essa “crise de identidade” faz com que existam múltiplas formas de se referir a esse pedaço territorial mato-grossense.

Para as entidades sociais da Articulação Xingu Araguaia a realidade da região é decorrente de um processo complexo de encontros e de lutas dos diversos atores ao longo do século XX. Terra de índios, que viviam das matas, dos rios e do cerrado, de posseiros, que foram chegando atravessando o Araguaia à procura de pastos, de missionários, que chegaram pelo Nordeste desde o Pará, de fazendeiros, em busca de oportunidades dos processos de colonização, de colonos sulistas que fugiam das crises dos minifúndios do sul, de beneficiários da reforma agrária, de funcionários destinados aos confins do Brasil no início das suas carreiras profissionais, de voluntários internacionais e de profissionais do terceiro setor querendo melhorar o Brasil... Todos chegaram nessa terra que prometia um espaço de realização dos sonhos.

Historicamente, o principal conflito se deu na disputa pelo território e as diversas compreensões econômicas e culturais sobre a exploração dos recursos naturais nele contidos. A constituição de uma bacia pecuária baseada no latifúndio como célula da estrutura fundiária e a economia agroextrativista dos índios e dos posseiros foi o primeiro conflito. Os latifúndios foram criados à força de incentivos fiscais da SUDAM, nos tempos da ditadura militar, e eram viabilizados pela lógica da acumulação de grandes territórios adquiridos a preços ridículos, pelos lucros fiscais e pela realização de empreendimentos agropecuários de escasso nível tecnológico. Existiram grandes problemas trabalhistas dentro das fazendas, o que deu lugar à realidade da escravatura moderna dos boias frias. Hoje, sendo a região menos isolada, com alguns avanços no ordenamento territorial,

© Luis Mena



Rio Xingu, Parque Indígena do Xingu (MT).

sobretudo após da Constituição de 1988, e com um estado mais presente, garantindo direitos, ainda são visíveis as cicatrizes sociais e ambientais daqueles tempos do faroeste.

100.000 pessoas ainda subsistem abaixo da linha de pobreza e a desigualdade territorial é enorme: de um extremo temos municípios como Santo Antônio do Leste, com nível de renda japones, e Querência, com nível da Coreia do Sul. No outro extremo, encontramos dois municípios da margem do Araguaia, mais periféricos, de colonização mais antiga e pouca população: Novo Santo Antônio e Luciara, com renda equivalente a El Salvador.

20.914 índios (ISA 2011) de vinte duas etnias, ou seja, 8% da população total da região e aproximadamente 50% da população indígena do estado de Mato Grosso, vivem o desafio de achar caminhos entre as pressões econômicas e culturais da sociedade moderna. Os povos indígenas Xavante e Tapirapé conseguiram se apropriar de fato dos seus territórios legalmente demarcados, mas ainda sofrem a ameaça da grilagem e do desmatamento nas suas áreas. O Parque do Xingu permanece como uma grande ilha verde circundada pela pressão das monoculturas de escala nas cabeceiras do rio Xingu. Os assentados da reforma agrária, por volta de 22.000 pessoas que ocupam 8% do total do território, foram abandonados em meio às florestas e sofrem o descaso de uma reforma agrária inconclusa e a intermitência de políticas públicas pouco eficientes.

Na área ambiental encontramos uma região privilegiada pela natureza pela importância dos seus rios, pela variedade de formações vegetais que vão desde o cerrado/cerradão até a floresta ombrófila, passando pelas áreas pantaneiras nas beiras dos grandes rios. O passivo ambiental é enorme: 40% do território foram totalmente desmatados e outra parte sofre um alto processo de degradação. A expansão da agricultura moderna dos últimos anos, sobretudo da soja, trouxe enormes preocupações pelo seu impacto nas águas. Esse processo será crescente nos próximos anos pelo fato de a região ser um polo de expansão agrícola dentro do Estado de Mato Grosso. A mu-

dança climática é altamente perceptível nas regiões de periferia da Amazônia. Além do impacto antrópico na floresta, com efeitos regionais, os efeitos globais da mudança climática tem criado um cenário de secas e chuvas irregulares que ocasionam anos críticos de secas e grandes queimadas. A cada três ou quatro anos se produzem estes fenômenos que acrescentam a fragilidade dos ecossistemas e dos meios de vida da população. Além disso, a região continua sendo uma importante emissora de gases de efeito estufa. Calcula-se que o desmatamento tenha emitido para a atmosfera entre 300 e 400 milhões de toneladas de carbono.

Para as organizações socioambientais que em 2007 criaram a Articulação Xingu Araguaia (AXA) o território Araguaia Xingu é uma aliança de duas bacias ao redor do eixo da BR-158, que persegue um sonho de região mais justa, em paz na sua diversidade social e sustentável nos seus meios de produção. A AXA nasceu de dois processos sociais que se abraçaram e reforçaram mutuamente: o trabalho desenvolvido pelo Instituto Socioambiental no Parque do Xingu e na região das cabeceiras, com a campanha Y'Ikatu Xingu, como carro chefe na procura de um modelo de ocupação territorial que respeite a diversidade socioambiental da região; e a história de lutas pela terra da Prelazia de São Félix do Araguaia.

Atualmente, a região encontra-se em um processo de expansão do agronegócio. O símbolo desse processo é o asfaltamento da BR-158, a abertura do corredor leste de exportação do Estado e, conseqüentemente, o processo de especulação sobre os preços das terras. Em apenas sete anos (2003-2009) o PIB regional mais do que dobrou, mostrando uma média de crescimento anual de 17%. No entanto, a contradições desse modelo continuam: concentração de terras e dos investimentos públicos, instabilidade e alta dependência de poucas cadeias de e degradação ambiental.

Nesse cenário o sonho da AXA de uma região orgulhosa da sua diversidade social e ecológica, principal vetor da sua riqueza e do seu futuro, foi se alimentando e crescendo com as contribuições de todos os que acreditaram nesse mote.



© Alexandre Macedo



© Luis Mena

Como em outros lugares do Arco de Desmatamento, a agropecuária é o que historicamente estruturou a economia da região do Araguaia Xingu (MT). No entanto, nos últimos anos a região do Araguaia Xingu tem se tornado área de expansão agrícola. São seis milhões de cabeças de gado e um de milhão de hectares destinados para agricultura, principalmente para soja. Esse modelo econômico está intensificando os impactos sociais, ambientais e os conflitos fundiários.



© Carlos García Paret

PERCEPÇÕES SOBRE A REALIDADE SEGUNDO OS ASSENTADOS E TÉCNICOS DA AXA

“Antes de sair o Pronaf todo mundo plantava. Tinha de tudo: banana, batata, mandioca, abóbora, inhame, quiabo, essas coisas da roca, que dava base. Não tinha gado, mas todo mundo tinha sua rocinha. O INCRA juntamente com o Banco do Brasil, aí vinha na hora de fazer o custeio do plantio era assim: quem tiver mais abertura, mais pastagem, mais cerca, o valor era maior do Pronaf e liberava o custeio. Então o povo falava: Ano que vem vou botar tudo no chão, porque aí sai meu Pronaf, sai mais dinheiro. Aí vinha a vistoria, os fiscais da Lumiar, ver se tinha aberto aquilo mesmo [empresa de assistência técnica]” (produtores não, PA Gleba Dom Pedro – MT).

“É TRADICIONAL, DO TEMPO DOS DINOSSAUROS: PRA TER PASTAGEM, QUEIMA A CADA DOIS ANOS. ISSO É O GRANDE PROBLEMA AQUI DENTRO. NÃO TEM AQUI DENTRO UM TRATOR, NÃO TEM APOIO DE FORMA ALGUMA. AQUELE TRATOR DO ARCO VERDE, QUE É DO PREFEITO? AQUELE NÃO VEM FAZER NADA NO ASSENTAMENTO!” (PRODUTORES BENEFICIÁRIOS, PA GLEBA DOM PEDRO – MT)

“Tem verdura que vem do sul pra Goiânia e de Goiânia distribui pra cá. Aqui a terra produz! Por quê que tem que voltar pra cidade trabalhar? (mulher beneficiária, PA Brasil Novo – MT)

“TEM VEZ DE NEGÓCIO PASSAR ARROCHO PORQUE NÃO TEM COMPRADOR DE GADO, PORQUE VAI TUDO PRA UM LADO SÓ, DAÍ VEM A CRISE E PEGA TODO MUNDO.

QUEM MEXE COM O GADO É DESUNIDO. O ATRAVESSADOR É QUE DÁ O PREÇO. TEM ALGUNS QUE CONSEGUIU FAZER UM NÚMERO MAIOR DE GADO, MAIS DE 100 CABEÇAS, AÍ DÁ RENDA. SENÃO DÁ PREJUÍZO. VENDE UM BEZERRO TODO MÊS. COM A SECA DO ANO PASSADO, A MAIORIA DO CAPIM MORREU TUDO E 60% DO PESSOAL VAI TER QUE VENDER O GADO PRA REFORMAR O PASTO. AÍ DEPOIS VAI TER O PASTO E NÃO VAI TER O GADO. E MESMO ASSIM, A ATIVIDADE É GADO” (PRODUTORES BENEFICIADOS, PA MANAH – MT).

“LEITE TÁ SENDO A OPÇÃO DE TODOS NO ASSENTAMENTO” (PRODUTORES BENEFICIÁRIOS). APESAR DE QUE “A MAIORIA DO GADO É BRANCO”, “O LEITE É O PÃO DE CADA DIA DA MAIORIA DA POPULAÇÃO AQUI DO ASSENTAMENTO”. “PRATICAMENTE 80% ENTREGA LEITE” (JOVENS NÃO BENEFICIÁRIOS, PA GLEBA DOM PEDRO – MT).

“De cinco anos pra cá continuo plantando o que plantava, menos o milho. O mandiocal aumentou. O arvoredo multiplicou umas 10 vezes ou mais, 6 ha de seringa e uns 60% de fruta, juntando o pequi, baru, caju e a graviola. De 2006 pra cá isolei todas as APPs dos meu lote e dos meus filhos, umas 5 hectárea. A agrofloresta é meio hectare. Tem muita fruta plantada lá” “A adubação verde, o feijão-de-porco, não tinha, agora eu faço todo ano” “Hoje a produção de farinha é maior, da pinga triplicou, do açúcar mascavo é 15 vezes maior. O gado aumentou”. O arroz que foi plantado ali o

Continua>>

ano passado é uma recuperação de pasto: planta arroz um ano ou dois e depois volta o capim de novo". (produtores beneficiários, PA Brasil Novo – MT).

"SE ALGUÉM NÃO TOMAR ATITUDE DE TRAZER PROJETO PRA FAZER NOVOS PLANTIOS, ISSO AQUI VAI VIRAR SÓ LAVOURA. NÃO POR OPINIÃO DO POVO, MAS PORQUE NÃO TEM OUTRO RECURSO. O POVO VAI TER QUE FAZER PARCERIA E ARRENDAR PRA ALGUÉM PLANTAR, PORQUE VAI VIRAR JUQUIRA, NÃO TENHO RECURSO PRA LIMPAR MEU PASTO. NÃO ADIANTA TAMPAR O SOL COM A PENEIRA. NÃO É O QUE NÓS QUERÍAMOS, MAS A GENTE TÁ VENDENDO. O POVO TÁ VINDO DE FORA, VAI ARRENDAR AS ÁREAS TUDO E VAI PLANTAR (SOJA)" (MULHER BENEFICIÁRIA, PA BRASIL NOVO – MT).

"Daqui pra 30 anos os assentamentos virou fazenda. Hoje tem várias fazendas nos assentamentos". "E tem gente que tá indo embora por conta da agricultura. Porque quando o avião passa, que atinge o plantio dele e o gado, ele está sendo expulso dali" (produtores não beneficiários). "As terras vai ficar bem mais cara" (jovens beneficiários, PA Manah – MT)

"DAQUI TRÊS ANOS O SÍTIO VAI ESTAR MAIS ACABADO" "LÁ EM CASA VAI TÁ LAVOURA DE SOJA, NÉ, ARRENDANDO PROS OUTROS" VAI TER MUITA LAVOURA AQUI DENTRO" "A SOJA VAI GERAR MAIS DINHEIRO" "DIZ QUE A SOJA PREJUDICA, QUE TEM LUGAR QUE ESSAS LAVOURAS É PERTO DE ÁGUA, DAÍ ELES PASSAM VENENO", "A SECA VAI SÓ PIORANDO, ENTÃO NÃO ADIANTA AUMENTAR O GADO" "TINHA QUE TER FACULDADE AQUI, CRESCER A CIDADE, TER MAIS MOVIMENTO" (JOVENS NÃO BENEFICIÁRIOS, PA BRASIL NOVO – MT).

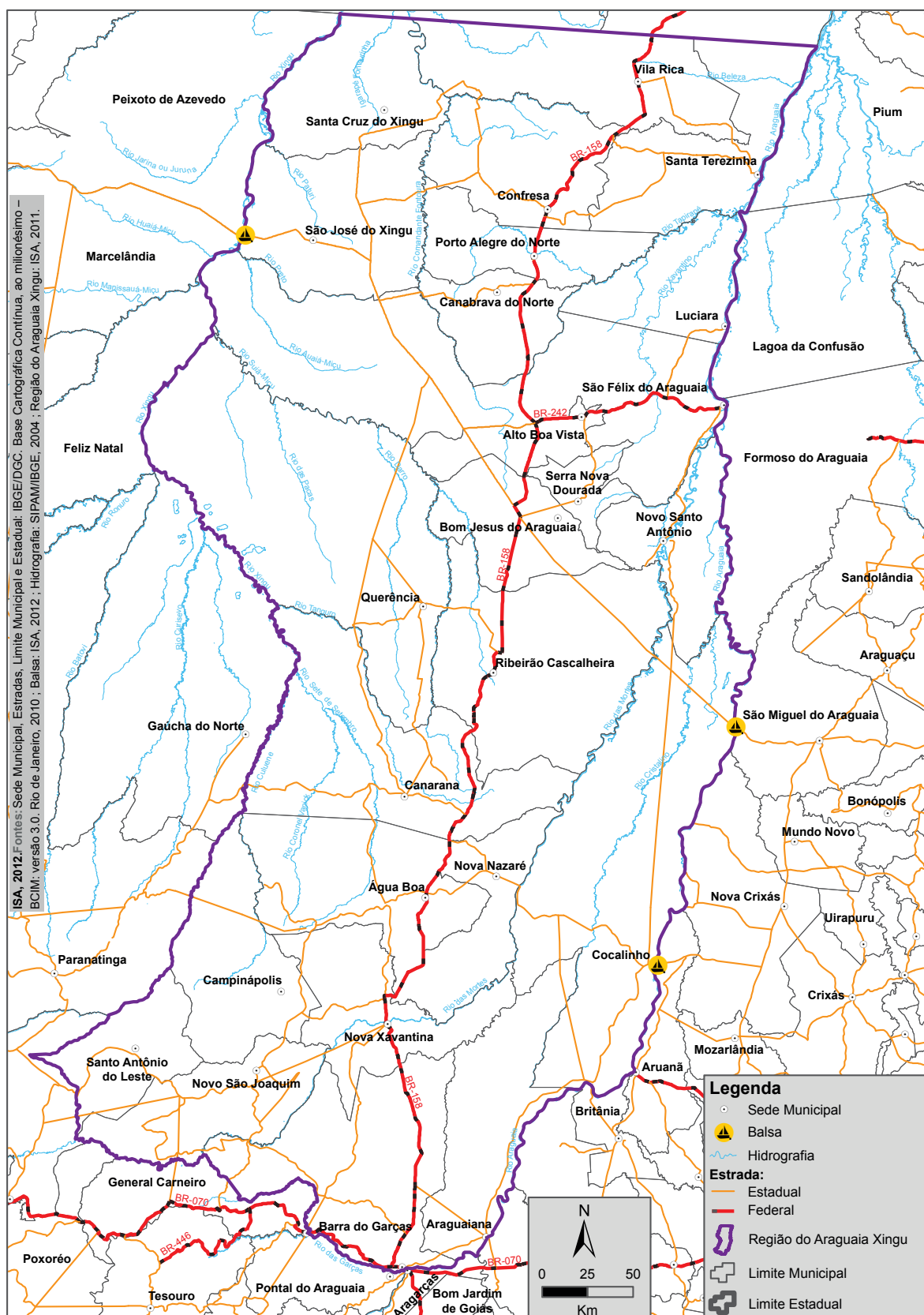
"A ÚNICA COISA QUE VOCÊ VAI DAR CONTA DE FAZER AQUI É TERMINAR SEU 3º ANO E SER DONA-DE-CASA OU BABÁ. O QUÊ QUE VOCÊ VAI FAZER AQUI? VOCÊ VAI TER QUE IR PRA FORA. AQUI TEM MUITA GENTE QUE TEM O 3º ANO E CAPINA. O EMPREGO QUE TEM AQUI É A FOICE. EU NÃO VOU TRABALHAR O DIA TODINHO, NO SERVIÇO PESADO, PRA GANHAR 20 CONTO" (JOVEM NÃO-BENEFICIÁRIO, PA GLEBA DOM PEDRO – MT).

"Não tem como atrair o jovem a ficar no assentamento se não mudarem as políticas públicas, de distribuição das terras, crédito, assistência técnica, educação" "Pra mim é um absurdo dar bolsa família pra agricultor. Tem que dar esse recurso pra ele produzir" "Senão, meu filho vai ser bolsa família, o neto vai ser bolsa família, vai ficar eternamente dependente, vai ficar escravo. Pra mim isso era uma ação de emergência do governo, mas virou um programa de governo" (técnico instituição da AXA).

"AS POLÍTICAS PÚBLICAS TÊM QUE AJUDAR: PRONAF TEM QUE AJUDAR A FRUTICULTURA, NÃO SER APENAS VOLTADO AO GADO. TEM QUE USAR MAIS O PAA E O PNAE (PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR), ONDE O AGRICULTOR PODE FAZER O SUCO EM CASA E ENTREGAR NA ESCOLA. TAMBÉM VENDER NA FEIRA, BENEFICIAR AS CASTANHAS E AS SEMENTES" (TÉCNICO EGRESSO DA AXA).

"A chegada da energia elétrica, a melhor conservação das estradas, a contenção das queimadas e a proximidade do assentamento com a cidade, escolas, faculdade via internet, lazer, torres de celular, mercados, feiras, saúde, transporte público, parecem favorecer a permanência das famílias no assentamento" (Avaliador da MOVE).

CARTA BASE DA REGIÃO DO ARAGUAIA XINGU



O TRABALHO REALIZADO PELAS ENTIDADES DA AXA

PALAVRAS CHAVE: SISTEMAS AGROFLORESTAIS, FRUTICULTURA, REDE DE SEMENTES, CONTROLE DO FOGO, RESTAURAÇÃO FLORESTAL, FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS, MOBILIZAÇÃO SOCIAL

Foi no contexto regional descrito que as organizações sociais que fundaram a AXA desenvolveram seu trabalho e seu processo de articulação ao longo dos anos. Os avaliadores da MOVE retrataram essa diversidade de intervenções e a sua complexidade e riqueza em termos de relações sociais em um território amplo e de enormes desafios. A atuação das entidades do território do Araguaia Xingu foi maior que o escopo da avaliação, porém é importante entender esse contexto de trabalhos e relações para depois compreender o processo avaliativo.

Extrato do relatório de avaliação da MOVE:

A intervenção (das entidades da AXA) se deu através de uma rede densa de projetos entrelaçados na região, resultado do esforço de diversas entidades, associações e grupos que perseguem objetivos no campo social e ambiental. Cada entidade aqui focada tem formas próprias de ação, mas convergem em algumas propostas e, portanto, compartilham desafios, por exemplo: promover a organização popular em torno do plantio diversificado e aproveitamento de espécies frutíferas, como estratégia de transformação social, conservação ambiental, segurança alimentar e desenvolvimento econômico:

- A CPT trabalha desde 2000 incentivando o sistema Casadão, que é uma forma de sistema agroflorestal (SAF), que mistura culturas agrícolas e florestais para formar uma floresta produtiva.
- A ANSA construiu em 2000 uma Fábrica de Polpas de Frutas, a Polpas Araguaia, visando criar uma alternativa de renda sustentável para a região. As fruteiras arbóreas são mais resistentes ao clima, solo e pragas e, portanto, mais rentáveis.

- O reflorestamento das matas ciliares e a cultura agroflorestal são motes importantes da Campanha Y Ikatu Xingu – Salve a Água Boa do Xingu, lançada em 2004 e coordenada pelo ISA.

Descrevo aqui alguns que, de alguma forma, representam intervenções que perpassam os três assentamentos avaliados e as três entidades participantes, para chegarmos mais perto do que é o objeto da avaliação e facilitar a leitura dos dados subsequentes.

1. Iniciativas de mobilização, articulação e formação de lideranças

CAMPANHA Y IKATU XINGU

A Campanha Y Ikatu Xingu é coordenada pelo ISA e surgiu em 2004 para atuar na recuperação e proteção das cabeceiras do Rio Xingu, motivada pela preocupação com o desmatamento e com o processo de assoreamento dos rios que nascem fora do Parque Indígena do Xingu. A campanha é desenvolvida por parceiros de diversos setores: povos indígenas, agropecuaristas, agricultores fa-

miliares, pesquisadores e organizações da sociedade civil que atuam na região. Uma das linhas de ação é a viabilização econômica e tecnológica da restauração de matas ciliares. Diversas iniciativas ligadas à campanha contribuíram para a restauração de mais de dois mil hectares de matas ciliares em pequenas, médias, grandes propriedades rurais e em assentamentos de reforma agrária.

Dentre suas ações, destacamos aqui a Rede de Sementes do Xingu, a formação de Agentes Socioambientais da bacia do Xingu e o Fundo Xingu.

“Meu pai eles ajudou bastante, a plantar árvores na beira dos córregos” (jovens beneficiários).

“A TRAVÉS DO ISA QUE COMEÇOU A INCENTIVAR SOBRE A PRESERVAÇÃO DAS NASCENTES E DEIXAR RESERVA, AS APPS, QUE HOJE TÁ SENDO FUNDAMENTAL, QUE TODO SÍTIO TEM QUE TER” (MULHERES BENEFICIÁRIAS).

“Naquela época o pessoal do ISA orientou do pisoteio do gado que a água vai sumindo e a APP segura pra não descer aquela erosão pra dentro da água, rapaz!” (produtores beneficiários). PA Brasil Novo – MT.

ARTICULAÇÃO XINGU ARAGUAIA - AXA

Com a convicção de que “quem faz sabe, quem pensa sobre o que faz, faz melhor” surgiu a AXA em 2007, como um espaço de diálogo entre seis organizações que atuam para enfrentar os problemas socioambientais das bacias do Xingu e do Araguaia: ANSA, ISA, CPT, ATV, Opan e Formad. (...). Na AXA procurou-se fortalecer ações como a Campanha Y Ikatu Xingu, a Formação de Agentes Socioambientais, os Seminários e Encontros de Avaliação de Áreas Protegidas, Alternativas Econômicas e Legislação Ambiental, a Rede de Sementes do Xingu, o Fundo Xingu e a fiscalização de políticas públicas. Foi também na AXA que nasceu o processo de avaliação (e nela será discutida), bem como a Campanha Contra o Uso Irracional do Fogo, o curso Germinar, o trabalho com os Marãiwatsédé, índios da região radicados em sua própria terra e a mobilização para as audiências públicas sobre o

ZSEE (Zoneamento Sócio-Econômico-Ecológico do Estado de Mato Grosso).

Exemplos de articulações entre essas instituições começaram em 2006, quando CPT e ATV participaram de um seminário sobre Restauração Florestal promovido pelo ISA em Nova Xavantina. Depois, o ISA participou de um seminário de legislação ambiental e oficina de elaboração de projetos promovidos pela CPT em Querência. A CPT indicou pessoas para participarem da formação de Agentes Socioambientais que o ISA promoveu em 2007 e 2008. Mesma época em que a ANSA começou a comprar frutas no PA Manah, onde a CPT já trabalhava. ANSA fez também uma compra de frutas no PA Brasil Novo, apoiada pelo ISA. O ISA realizou oficinas de agrofloresta organizadas pela ANSA na gleba Dom Pedro em 2008 e 2009. As três ONGs participaram de diversos seminários de legislação ambiental promovidos pelo FORMAD (Fórum Matogrossense de Meio Ambiente e Desenvolvimento) na região. Em 2009, a ANSA começou a estruturar um núcleo da Rede de Sementes do Xingu (RSX) na Dom Pedro e a CPT um núcleo no PA Manah. CPT e ANSA participaram e expuseram seus trabalhos nos seis Encontros da RSX e no II Encontro da Campanha Y Ikatu Xingu, organizados pelo ISA. Em 2009, as três ONGs participaram de audiências públicas sobre o ZSEE-MT, com propostas articuladas. Em 2010, a AXA executou um projeto escrito em parceria, realizando ações da Campanha contra o Uso Irracional do Fogo.

Em 2011 as quatro ONGs estão executando em parceria o projeto que possibilitou fazer a avaliação. Nesta não estão sendo analisadas ATV, OPAN e FORMAD. A ATV teve suas ações sempre em parceria estreita com a CPT e, dessa forma, acaba sendo avaliada indiretamente. A OPAN e o FORMAD não participam porque tiveram apenas um ano de intervenção direta na região, que é pouco para se avaliar.

“Pra mim o Casadão é igual uma festa. Uma festa tem branco, tem preto, tem velho, tem novo. O Casadão é assim! É tudo misturado!” (produtor beneficiário). “Casadão é plantar tudo junto”. “Pra mim é muito importante, porque uma área que já acabou tudo você torna a reflorestar ela”. (mulheres

beneficiárias). “O Casadão quer dizer, que quando a gente é solteiro tem a total liberdade. E quando casa, já diminui a liberdade e vem a questão da convivência. O Casadão você tem que estar diariamente cuidando, ver o quê que precisa pra desenvolver” (produtor beneficiário). “O Casadão nós ainda não conseguiu montar aqui, porque o Casadão tem criação de galinha, de porco, de gado, de abelha, de peixe e o plantio”. “Todo mês tem colheita” (produtor beneficiário). “Casadão é colheita de plantas, sementes. É plantar tudo junto” É o pessoal que entrega frutas pra fábrica, né? (jovens não beneficiários). “É reflorestamento assim... é misturar plantas comuns, mandioca, com manga e fruta nativa, pra aproveitar a terra”. “APP é Casadão também, né?” (jovens beneficiários). PA Manah – MT.

“A GENTE TEM A RENDA DO LEITE, DA POLPA, DE COLETADOR DE SEMENTE, QUE SOMANDO UMA COISA COM A OUTRA DÁ PRA A GENTE FAZER O SUSTENTO AQUI”. “O QUE MUDOU PRA MIM É QUE NESSES PROJETINHO EU PEGUEI UM PLANO PRA APICULTURA QUE HOJE ME SUSTENTA BOA PARTE DOS MEUS GASTOS E A FITOTERAPIA, QUE EU APROVEITO CASCA, RAIZ, FOLHA, FRUTO, INSETO, QUE, ALÉM DO QUE EU FAÇO PRA AJUDAR A QUEM PRECISA, ME DEU QUASE MIL REAIS ANO PASSADO”. “ANTES NOSSA CONDUÇÃO ERA A PÉ E A CAVALO. HOJE TODO MUNDO TEM UMA MOTO” (PRODUTORES BENEFICIÁRIOS, PA MANAH – MT).

SEMINÁRIOS E ENCONTROS DE AVALIAÇÃO SOBRE ÁREAS PROTEGIDAS E ALTERNATIVAS ECONÔMICAS

Os Seminários Áreas Protegidas e Alternativas Econômicas começaram como parte das atividades entremódulos de participantes do Curso de Formação de Agentes Socioambientais, em 2007. Foram promovidos pelo FORMAD em parceria com outras ONGs da AXA, em municípios da região onde já havia uma forte inserção do trabalho dessas ONGs.

Os seminários buscavam unir assentados, comunidade escolar, poder público, organizações patronais e de trabalhadores rurais para discutir sobre os temas propostos. Faziam-se palestras de sensibilização e informação e depois se convidava os participantes a elaborar planos de ação. Foram

elaborados planos de recuperação de Áreas de Preservação Permanente (APP), construção de viveiros e hortas, arborização das escolas, gincanas, artesanato com produtos naturais, oficinas de legislação ambiental, coleta de sementes, intercâmbios e de inclusão da temática nos materiais didáticos e projetos político-pedagógicos das escolas.

Em 2008, voltou-se aos mesmos locais para realizar os Encontros de Avaliação e discutir sobre a execução dos planos de ações elaborados pelos grupos de assentados e escolas por ocasião dos seminários.

“Os alunos desenvolveram projetos com os professores. Foi o tema anual da escola. Alguns alunos fizeram canteiro de plantas medicinais, entrevistando as pessoas da cidade e pegando muda. Outros fizeram a horta na escola. Essa horta nós continuamos o ano passado e esse ano também. Fizeram entrevistas com os agricultores. Daí apresentaram na escola, fizeram cartazes e colocaram no jornal da escola. Através do mutirão no assentamento, da alegria naquele momento, com essas interação eles refletiram sobre a importância do trabalho em grupo” (diretora de escola, PA Manah – MT).

FORMAÇÃO DE AGENTES SOCIOAMBIENTAIS

Foram formações oferecidas a agricultores familiares, professores, técnicos e lideranças da região. Cada formação era composta por três ou quatro módulos e entremódulos. Cada módulo durava três dias e o entremódulo três ou quatro meses. Nos módulos trabalhava-se na teoria e na prática conteúdos em biodiversidade, água, clima, legislação ambiental e agrofloresta, além de dinâmicas que buscavam desenvolver habilidades sociais. Cada participante era estimulado a desenvolver uma iniciativa própria durante os entremódulos, na sua própria realidade. Aquilo que faziam nos entremódulos era apresentado e discutido nos módulos, buscando compartilhar os aprendizados e aperfeiçoar as ações. Houve projetos envolvendo plantio de agroflorestas em sítios e escolas, surgiu o primeiro festival de sementes na região, elaboração de materiais didáticos, reciclagem de lixo, entre outros. Os Agentes Socioambientais formam hoje

uma rede de pessoas que atuam em diferentes municípios e setores da região. Na região a formação foi promovida pelo ISA e FORMAD, com participação de consultores e técnicos de outras entidades.

“Eu participei da Formação de Agente Socioambiental, foi um ano e meio, aí teve um treinamento com o senhor Ernest, daí serviu pra agregar conhecimento em agrofloresta” “É plantar vários tipos de árvores juntas, nativas misturadas com frutas e outras coisas”. “No Menin tem um modelo lá de agrofloresta, consolidado, né” “Na APP que eu cerquei planto o milho pra dar de comer pros porquinhos, tem mandioca pra fazer farinha pra despesa e tem cem pés de pequi plantados já produzindo” (produtores beneficiários, PA Brasil Novo).

GERMINAR

Com o objetivo de formar agentes para o desenvolvimento integrado, orgânico e sustentável das pessoas, organizações e ambiente social, o Germinar já está na 4ª edição na região, tendo formado assentados, professores, agentes de saúde e técnicos das instituições. O Programa Germinar compreende cinco módulos com duração de três dias (30 horas) cada, com intervalos entre eles de, aproximadamente, dois meses. Aborda a facilitação de processos, dinâmicas de desenvolvimento de indivíduos, grupos e organizações, habilidades necessárias para lidar com os desafios de mudança organizacional, tais como realização de diagnósticos, estratégias, tomada de decisão e mediação de conflitos. O curso busca aplicar os conceitos na elaboração de planos de ação pessoais.

2. Gerando renda recuperando a floresta ou com a floresta em pé

FÁBRICA DE POLPAS ARAGUAIA

A fábrica de polpas Araguaia foi construída pela ANSA em 2000 como um projeto social de geração de renda e ficou até 2004 em fase experimental. Em 2005, a ANSA começou a estruturar a fábrica de polpas para efetivá-la como alternativa econômica sustentável para os assenta-

mentos. A estratégia foi aproveitar e somar com o trabalho que CPT e ATV já faziam na região com o sistema Casadão e com a organização de grupos. ANSA escreveu um projeto para estruturar a parceria, contratou um funcionário que ficava com a CPT, e começou a comprar frutas na Gleba Dom Pedro. A ideia inicial era comprar frutas só de quem fazia Casadão, mas dois anos depois, devido à necessidade de ter mais fruta para viabilizar a fábrica, passaram a comprar fruta de qualquer assentado da Gleba Dom Pedro e também de outros assentamentos, como o PA Manah e o PA Brasil Novo.

Parte das frutas processadas pela fábrica de polpas é destinada à CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento) que, através do PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) compra alimentos da agricultura familiar e doa para instituições públicas, como escolas, creches, hospitais, etc. Além destes programas, há também o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar). O PNAE obriga as escolas públicas a comprarem 30% do orçamento para a merenda escolar através de chamadas públicas para aquisição de gêneros alimentícios da Agricultura Familiar para a Alimentação Escolar por meio da Lei nº 11.947/2009.

“Nós aprendemos a valorizar centavo!” Fruta é centavo. Semente é centavo”; “Depois, o pessoal da Manah começou também a reativar, que eram mais velhos que nós, mas muitos tinham encostado. Quando surgiu o grupo Casadão aqui e começou a fornecer pra fábrica, eles reanimaram também, interessados, principalmente, numa fonte de renda” (produtores beneficiários, PA Gleba Dom Pedro – MT).

“E LA ENTREGA AS MUDAS E DEPOIS COMPRA A FRUTA. QUEM QUISER VENDER PRA DESPOLPADEIRA, VENDE. É UMA DAS POUCAS COISAS QUE A GENTE VÊ AQUI QUE FUNCIONA, QUE É FIRME, É A ANSA. TODA ÉPOCA DE CAJU ELA COLOCA OS FREEZERS ONDE QUE É MAIS PERTO DAS CASAS DAS PESSOAS, PRAS PESSOAS LEVAR. DIRETO VOCÊ VÊ ELES PASSANDO. LEVA AS FRUTAS E VOLTA COM O CARRO CHEINHO DE MUDA. COMPRA AS CASTANHAS DO CAJU TAMBÉM PRA FAZER MUDA” (JOVENS NÃO BENEFICIÁRIOS, PA GLEBA DOM PEDRO).

“O trabalho das polpas foi muito bom, que agora só tem suco natural na escola e os alunos estão aprendendo a gostar das frutas daqui mesmo da região” (diretora de escola, PA Manah – MT).

REDE DE SEMENTES DO XINGU - RSX

A Rede de Sementes do Xingu surgiu em novembro de 2007. As sementes são coletadas por agricultores familiares e indígenas e há diversas ONGs, parceiras da Campanha Y Ikatu Xingu, que os apóiam nesse trabalho. Com os primeiros resultados das experiências de restauração florestal da Campanha Y Ikatu Xingu, veio crescendo ano a ano a demanda por sementes de espécies nativas, que são compradas por viveiros e fazendas da região, efetivando uma alternativa de geração de renda que valoriza a floresta nativa em pé e seus mantenedores. O ISA coordena a RSX, enquanto CPT e ANSA são “elos” entre a rede e os núcleos de coleta, nas comunidades onde têm foco. A RSX tem acordos de funcionamento que são revistos em encontros periódicos, como: procedimentos para entrada de um coletor na Rede, procedimentos da encomenda a cada coletor, critérios de coleta e procedimentos de qualidade.

“Meu menino tá com 16 e já tá animado pra sair fora”. “O meu vai fazer 3 anos que tá lá estudando colégio agrícola”. “Ela contou do Casadão lá e o povo achou a coisa mais linda. Quando ela volta da escola traz meio mundo de semente e planta lá com a gente.” “Tem que passar uns vídeos pra eles, pra eles verem aquelas coisas, que nem aquele do Xingu, do Globo Rural”. “Ele falou pro pai dele que vai reflorestar pra ficar do jeito lá do menino do globo rural” “Os meninos interessam muito nas sementes. Tinham que participar dos cursos, intercâmbio, pra incentivar mais. Quem sabe ele não se torna um coletor. Ele achava muito bom catar semente. O meu também acha bom demais. A animação do jovem é dinheiro, né. Ó aqui seu dinheiro, ó: aí ele vai pegar mais!” “Na escolinha sempre saía esse assunto: compensa catar semente? Gente, compensa!” (produtoras beneficiárias, PA Manah – MT).

“NÓS SOMOS UM GRUPO DE OITO FAMÍLIAS QUE ESTÁ PARTICIPANDO DA COLETA DE SEMENTES NATIVAS. PRA MIM FOI UMA COISA MUITO IMPORTANTE PORQUE, A PARTIR DAÍ,

A GENTE PAROU DE VENDER O BEZERRO NA BARRIGA DA VACA. A GENTE DÁ CONTA DE SEGURAR ELE, ESPERAR PREÇO, QUE É UMA COISA QUE A GENTE NÃO TINHA CONDIÇÕES E AGORA TEM” (PRODUTOR BENEFICIÁRIO, PA MANAH – MT).

FUNDO XINGU

O Fundo Xingu foi concebido e articulado no âmbito da campanha Y Ikatu Xingu. Na região da BR 158 foi ancorado no ISA, que lançou edital em 2007 e em 2009 para apoiar, com recursos de até dez mil reais, pequenos projetos em educação ambiental e agroflorestamento. Os projetos podiam ser apresentados por associações ou grupos de assentamentos rurais, escolas e aldeias indígenas.

“Em 2009 o grupo Casadão conseguiu aprovar um projeto no Fundo Xingu e obtiveram recursos do Formad para isolamento das APPs (Áreas de Preservação Permanente) e ampliação dos Casadões “A gente escolheu assim, pessoas que queriam fazer as coisas, que já tiveram alguma iniciativa e que a gente sabia que ia fazer mesmo, que não ia desviar material.” “E todo mundo fez mesmo.” (técnica da CPT)”.

CAMPANHA CONTRA O USO IRRACIONAL DO FOGO

Entre julho de 2007 e junho de 2008, um de cada quatro focos de calor do Estado de Mato Grosso aconteceu no território Araguaia-Xingu (dados do INPE). O fogo é tradicionalmente utilizado na região há muito tempo, para diferentes finalidades, desde a caça, a abertura de roças de toco e a limpeza de pastagens. Entretanto, o fogo usado irracionalmente sai do controle, queima agroflorestas, Casadões, matas ciliares e, junto, cobre de fumaça e fuligem as propostas dessas ONGs para a região. Portanto, em 2008, a AXA lançou essa campanha para sensibilizar a sociedade para a problemática do fogo, dar visibilidade na mídia, nas escolas, chamar à responsabilidade as autoridades, discutir formas de uso racional o fogo e alternativas técnicas. São realizadas oficinas anuais em alguns assentamentos, discutindo, propondo acordos comunitários, formação

de brigadas voluntárias e práticas de queimada controlada e construção de abafadores e produzindo depoimentos para o rádio.

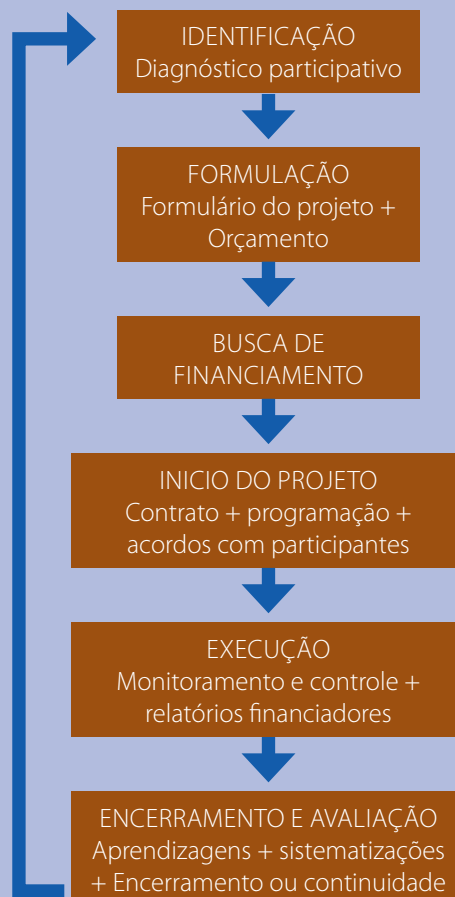
“Nesse tempo deu uma alavancada boa na questão da agricultura familiar: o incentivo, a questão do viveiro, da semente, do Casadão. Não tem como dizer que aquele acompanhamento não deu fruto, que deu sim. A gente nem sabia o que era o Casadão. Tá difícil hoje, tá. Mas se for pra fazer, a gente sabe, porque teve a aula pra ensinar. Só a conscientização que teve já foi uma grande coisa, a respeito de desmatamento, fogo”. “Foi uma grande coisa mesmo, que antes nós não pensava isso não, era diferente”.

“Antigamente, o povo falava que a braquiária, se não queimar, não presta, dá cigarrinha, dá isso, dá aquilo, mas é o contrário! Pode largar um pasto muitos anos sem queimar que ele vai só fortalecendo, porque cria a matéria orgânica e tal. Eu era ignorante nesse ponto: eu falava que tinha que queimar!” “Quem não era!” Tem mais de cinco anos que o dele não queima. Pode olhar. Tudo os outro tem cigarrinha, onde foi queimado, e o dele não morreu. Onde queimou, morreu quase tudo. Todo o tempo que você olha o capim tá verdinho”. Então a verdade é essa: teve um fruto muito grande nesse incentivo que teve, esses acompanhamento, essas reunião. Pelo menos o povo ficou consciente. Nós aqui é penalizado, mas é com fogo que vem de fora. Mas aqui de dentro do PA não sai mais fogo. Acabou” (produtores beneficiários).

Quadro pedagógico 1

TIPOS DE INTERVENÇÕES E O CICLO DO PROJETO

As intervenções sociais podem ser classificadas em diversas categorias conforme a sua magnitude em termos de objetivos e recursos: um **PROJETO** é uma unidade mínima de alocação de recursos, que através de um conjunto integrado de processos e atividades procura transformar uma parte da realidade, diminuindo ou eliminando um déficit ou solucionando um problema. Um **PROGRAMA** é um conjunto de projetos que perseguem os mesmos objetivos e que podem ser diferenciados pelo fato de trabalhar com populações diferentes ou utilizar distintas estratégias de intervenção. Uma **CAMPANHA** é um conjunto de ações que procuram mobilizar a sociedade angariando aliados em prol de um objetivo. Toda intervenção tem quatro fases: início, planejamento, execução e encerramento, que compõem o ciclo de vida do projeto. Desenvolver corretamente todas as fases em termos de tempo, participação e recursos é a condição chave para o sucesso do processo.





© Alexandre Macedo



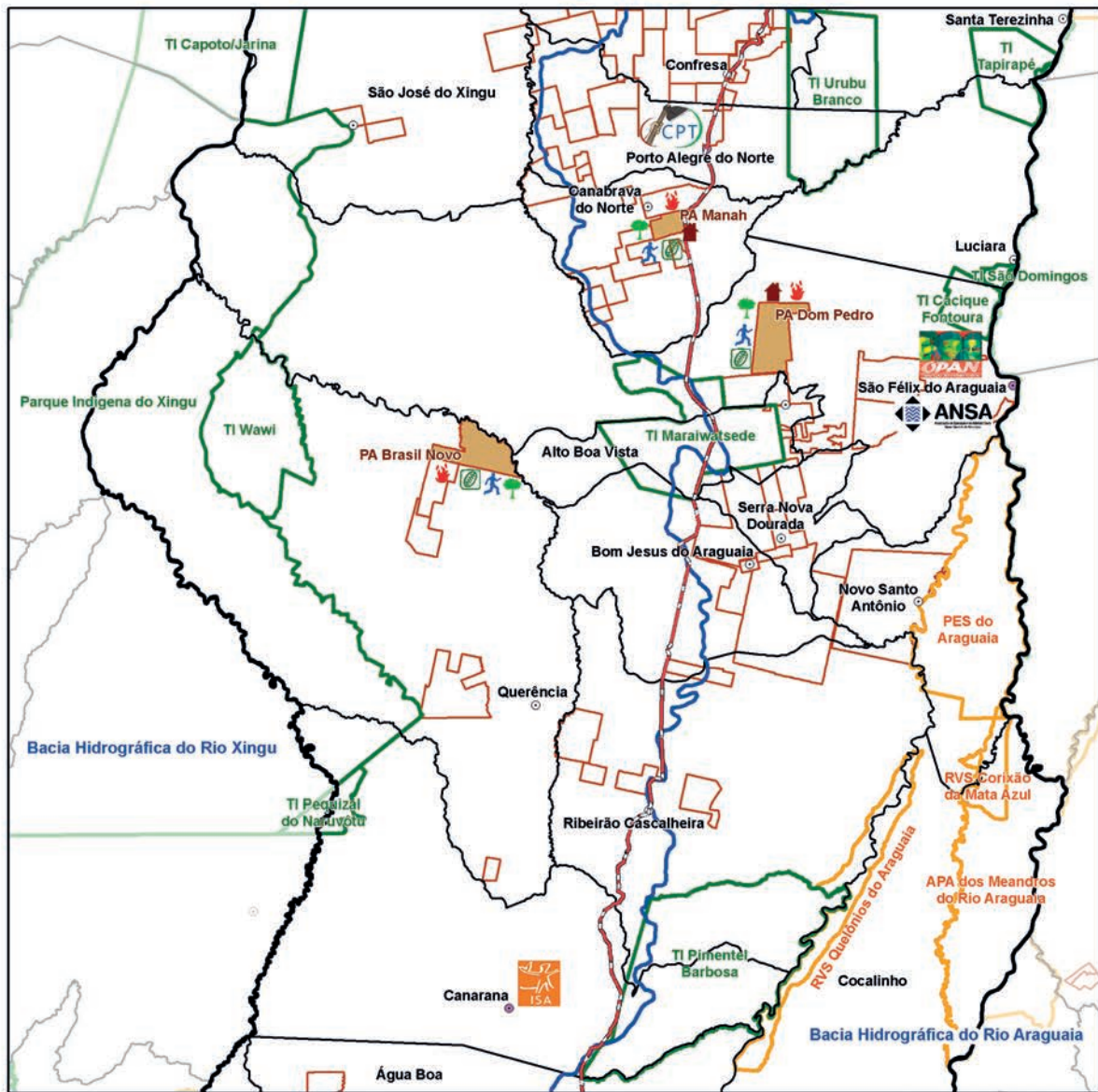
© Alexandre Macedo

DE CIMA PARA BAIXO:
 Casa de sementes de Canarana (MT) da Rede de Sementes do Xingu; liderança do assentamento PA Manah (Canabrava do norte - MT); reunião das entidades da AXA em Porto Alegre do Norte em 2010.



© Carlos Garcia Paret

AVALIAÇÃO DAS INICIATIVAS SOCIOAMBIENTAIS DA AXA NA REGIÃO DO ARAGUAIA XINGU



<p>Legenda</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Sede Municipal ● Cidades com sede das entidades da AXA — BR - 158 □ Limite Municipal □ Assentamento □ Assentamentos escopo da avaliação ⎓ Área de Influência do Projeto ⎓ Limite de Baía Hidrográfica □ Terra Indígena □ Unidade de Conservação 	<p>Iniciativas avaliadas nos assentamentos</p> <ul style="list-style-type: none"> 🔥 Brigadas contra o fogo 🏭 Fábrica 🚶 Mobilização e Formação de agentes socioambientais 🌳 Recuperação de áreas degradadas 🌱 Rede de sementes <p style="text-align: center;">N 0 1:2.000.000 100 Km</p> <p style="text-align: center;">Mapa elaborado pelo Núcleo de Monitoramento de Canarana do Instituto Socioambiental, dezembro de 2011.</p>	<p>Apoiadores</p> <p>ISA ANSA</p> <p>OPAN CPT</p> <p>Financiador</p> <p>PPDA</p>
--	---	--

ISA, 2011. Fontes: Sede Municipal, BR - 158 e Limite Municipal: IBGE/DGC; Base Cartográfica Contínua, ao milionésimo - BCIM: versão 3.0. Rio de Janeiro, 2010; Assentamento: INCRA, 2011; Área de Influência do Projeto: ISA, 2011; Baía Hidrográfica: ISA, 2010; Terra Indígena e Unidade de Conservação: ISA, 2011; Municípios com sedes da AXA, Assentamentos escopo da avaliação e Inicativnas nos assentamentos: AXA, 2011.

AVALIANDO O TRABALHO DA AXA

PALAVRAS CHAVE: PROCESSO, PERGUNTA, BENEFICIÁRIO, NÃO BENEFICIÁRIO, GRUPO FOCAL, IMPACTO, METODOLOGIA, DEVOLUTIVA

A AXA realizou ao longo de 2011 um processo de avaliação dos diversos trabalhos realizados na região do Araguaia Xingu em prol de um desenvolvimento sustentável e da justiça social. Esta foi a primeira experiência avaliativa interinstitucional realizada pela articulação. As entidades contaram com a ajuda de uma consultora especializada, a MOVE, que ajudou a montar a estratégia de avaliação em uma oficina realizada em São Félix do Araguaia em maio de 2011. Lá se desenhou como seria o processo tentando associar as expectativas às condições de viabilidade do processo.

Extrato do relatório de avaliação da MOVE:

Caracterização da avaliação

O processo de avaliação foi participativo e a AXA era a instância deliberativa na qual o sentido, o foco, a reflexão e aprendizagem foram elaborados. O envolvimento dos assentados ocorreu por meio de canais consultivos, nos quais suas concepções sobre a atuação das organizações nos assentamentos foram expressas. Entre os seis assentamentos que participaram dos projetos realizados pelas organizações da AXA, avaliação seria restrita a três, por razões estruturais (tempo e capacidade de investimento financeiro no processo) e logísticas (possibilidades de acesso). Os critérios para definir esses locais consideraram que os assentamentos escolhidos deveriam, no conjunto, contemplar a atuação do ISA, ANSA e CPT e que o tempo da intervenção no local fosse suficiente para observar os potenciais resultados consolidados. Dessa forma, foi definido que a avaliação atuaria nos assentamentos: **Dom Pedro, Gleba Manah e P.A. Brasil Novo.**

Objetivos e perguntas da avaliação

Os objetivos da avaliação definidos pela AXA foram:

1. Conhecer os impactos das intervenções e observar a sua contribuição para o desenvolvimento de uma cultura agroflorestal nos assentamentos.
2. Fortalecer a AXA.
3. Estabelecer um diálogo entre a sociedade e o Ministério de Meio Ambiente (MMA) capaz de demonstrar a complexidade e riqueza dos processos de intervenção.
4. Ampliar a percepção/consciência de nossa forma de ação e do sentido do trabalho, do papel das lideranças e da organização dos grupos.
5. Obter um diagnóstico dos grupos e para os grupos.
6. Atualizar nosso diálogo com as comunidades para renovar a ação, apontar pistas para a construção de estratégias e ações.
7. Ser material de apoio para outros grupos e instituições.

DADOS BÁSICOS DOS ASSENTAMENTOS

Assentamento	Manah	Gleba Dom Pedro	Brasil Novo	TOTAL
Área Has	8.684	30.286	28.506	67.476,00
Nº de lotes	140	500	358	998
Tamanho médio dos lotes	80	55	70	68,33
Mata em pé (ha)		12.984	7.824	20.808
Passivo ambiental		57%	71%	64%
Ano de criação	15 agosto 1995	14 Outubro 1997	30 janeiro 1998	
Município	Canabrava do Norte	São Félix do Araguaia	Querência	
Origem	Desapropriação	Desapropriação	Arrecadação	
Bioma Amazônia	31%	50%	100%	
Bioma Cerrado	70%	50%	0%	
Bacia do Xingu	0%	0%	100%	
Bacia do Araguaia	100%	100%	0%	
Instituição mais presente	CPT	ANSA	ISA	
Outras entidades envolvidas	ANSA E ISA	CPT E ISA	CPT	
Nº de beneficiários	11	40	32	
Experiências	Restauração de áreas degradadas	Apoio à fruticultura	Restauração de áreas degradadas	
	Rede de sementes	Apoio ao extrativismo	Rede de sementes	
	Apoio à fruticultura	Restauração de áreas degradadas	Controle do fogo	
	Apoio ao extrativismo	Controle do fogo	Educação ambiental	
	Controle do fogo	Rede de sementes	Agentes socioambientais	
	Educação ambiental	Educação ambiental		
	Agentes socioambientais	Agentes socioambientais		

Fonte AXA, 2011.

As perguntas de avaliação, aspectos que devem guiar a investigação, foram assim elaboradas:

1. Quais mudanças, promovidas pelo projeto, ocorreram nos assentamentos?
2. Em que medida a AXA contribuiu com essas mudanças?
3. Quais fatores de contexto influenciaram o trabalho desenvolvido nos assentamentos?
4. Qual a visão do assentado sobre a instituição?

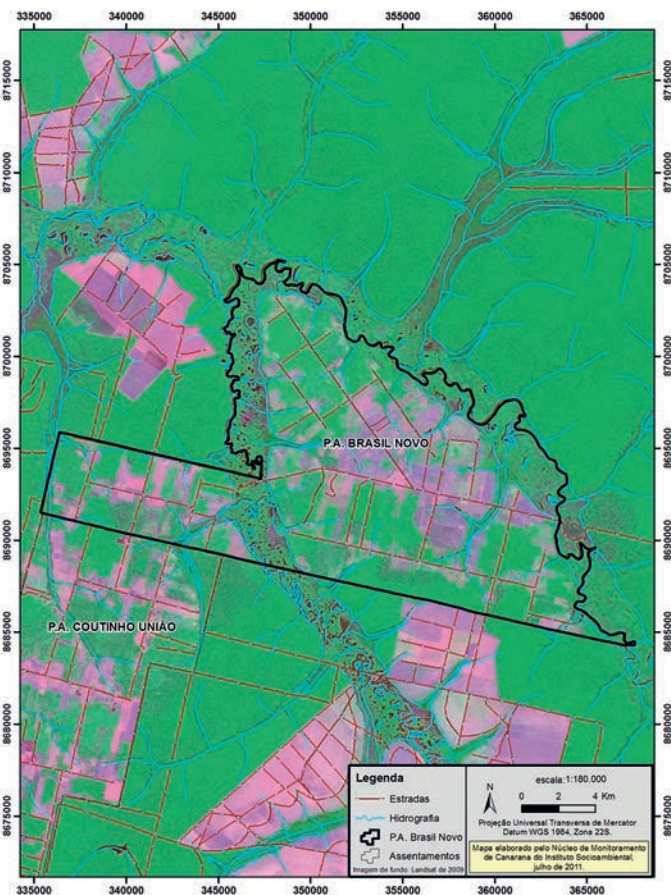
Processo

A avaliação foi articulada em cinco movimentos gerais. O primeiro – inaugural – estava orientado para estabelecer o sentido e o foco do traba-

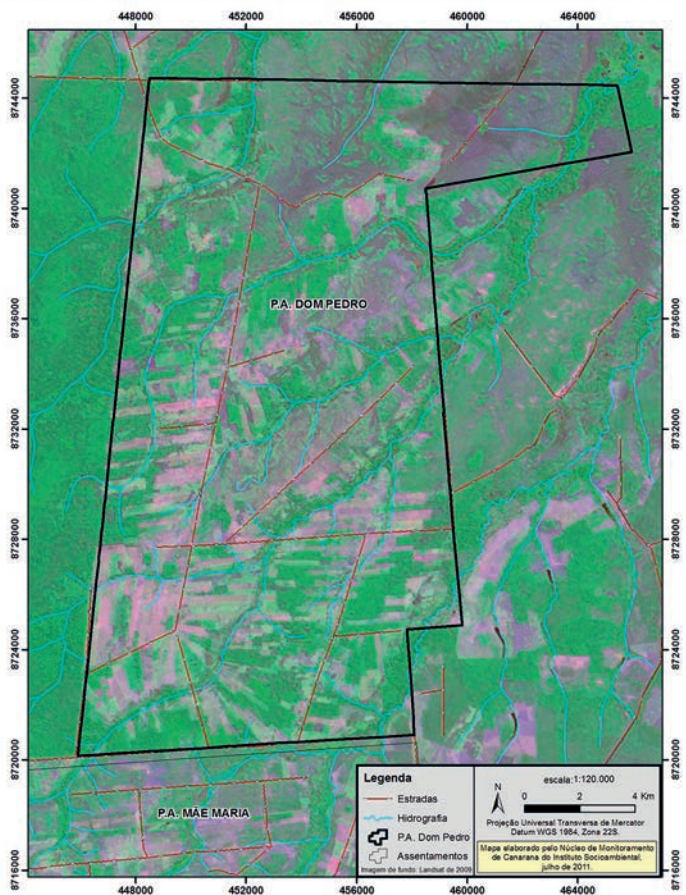
lho, o que ocorreu por meio de uma oficina com lideranças da AXA. O segundo foi caracterizado pela coleta de dados nos assentamentos. O terceiro destinou-se à análise do vasto conjunto de dados gerados, obedecendo sua natureza (números e discursos) e utilizando as técnicas que lhes eram mais adequadas. O quarto passo foi a apresentação dos relatórios em um encontro realizado em São Félix do Araguaia em setembro de 2011, para debater os resultados e para consolidar as conclusões e recomendações sobre o processo. O momento final da avaliação era de responsabilidade das organizações que compõem a AXA e destinava-se à devolutiva dos resultados para os assentados. Esse processo aconteceu entre o final de 2011 e início de 2012.

A opção metodológica da avaliação teve como base um modelo misto, onde dados quantitativos

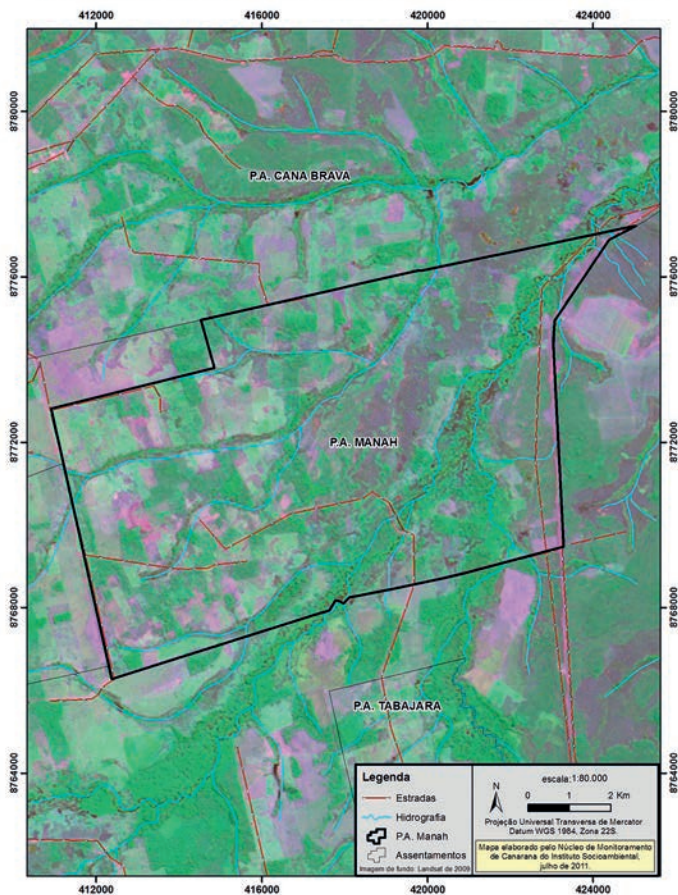
MAPA DE TRABALHO: CARTA IMAGEM DO P.A. BRASIL NOVO



MAPA DE TRABALHO: CARTA IMAGEM DO P.A. DOM PEDRO



MAPA DE TRABALHO: CARTA IMAGEM DO P.A. MANAH



O que temos aprendido?

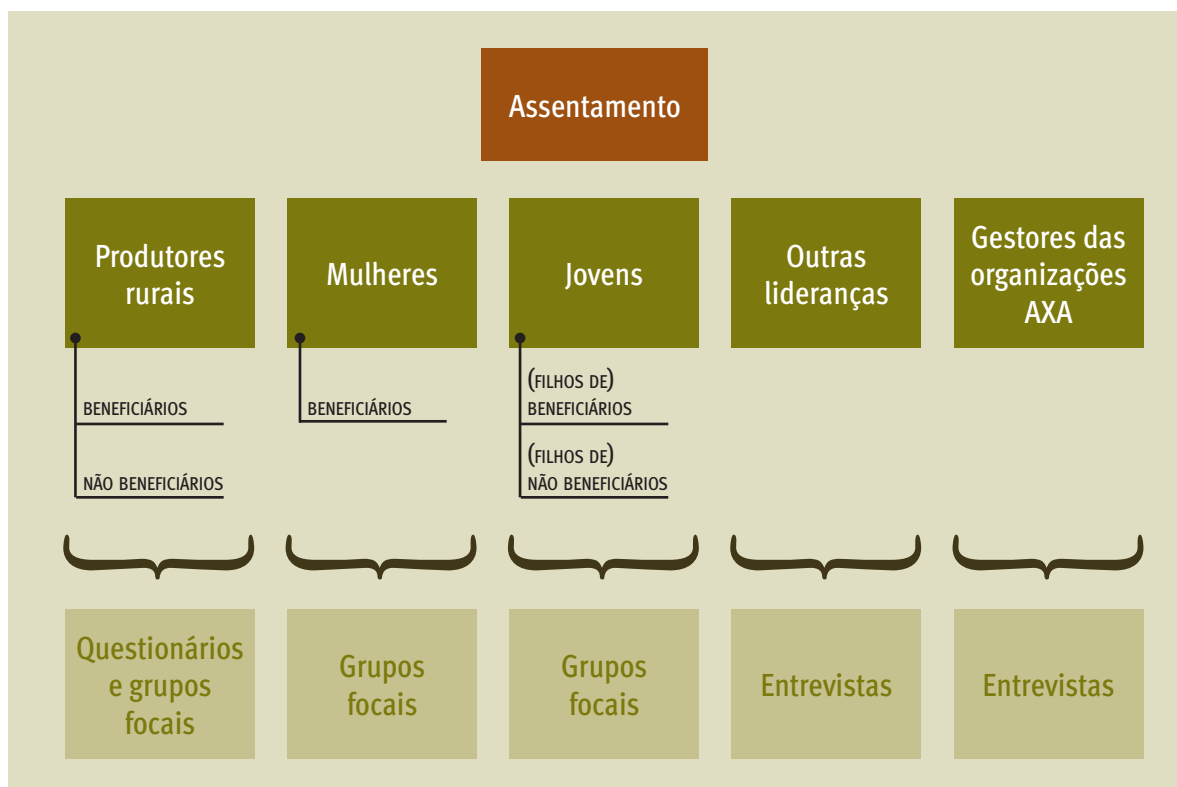
eram coletados em associação a dados qualitativos. Para assegurar que os resultados encontrados correspondessem fielmente aos trabalhos das organizações, foi utilizada uma abordagem comparativa na qual produtores beneficiados e não beneficiados foram consultados e os resultados de cada grupo foram confrontados para observar se seus comportamentos eram similares ou distintos.

As ferramentas utilizadas eram, no campo quantitativo, um questionário com perguntas fechadas, aplicado por um entrevistador (um jovem do assentamento especialmente treinado para a tarefa), numa lógica que buscava encontrar um produtor beneficiado em um lote e outro não beneficiado em sua vizinhança. De natureza qualitativa foram conduzidas entrevistas e grupos focais com produtores e lideranças comunitárias. Entre esses dois públicos merece destaque a formação de um grupo focal exclusivo, com as mulheres, esposas ou filhas dos produtores que tradicionalmente representam o lote familiar. Esse espaço foi fundamental para trazer um recorte de gênero na avaliação e assim

conhecer a perspectiva feminina sobre os resultados e limites do trabalho realizado. O outro grupo essencial foi o de jovens, representantes das novas gerações de assentados e portadores das expectativas e possibilidades de mudança. Ao todo foram preenchidos 120 questionários, metade respondida por beneficiários e metade por não beneficiários.

Uma característica específica deste trabalho é a equipe de avaliadores formada por um consultor externo, com ampla experiência em avaliação, e por um biólogo, Eduardo Malta, que atuou diretamente nos assentamentos como técnico do ISA. Por um lado, essa proposta, apresentada pela própria AXA envolvia a atividade de um profissional com conhecimento sobre a região e sua dinâmica e com respeito entre assentados, o que lhe permitiu ir além de leituras superficiais dos fenômenos locais. Por outro lado, a proposta apresentava o risco de uma análise enviesada e de leituras já construídas ao longo da atuação da AXA junto aos lotes de reforma agrária, aspecto que exigiu especial atenção da Move.

ESTRATÉGIA DE COLETA DE DADOS NOS ASSENTAMENTOS



AS EXPECTATIVAS SOBRE A AVALIAÇÃO

“**C**hegando ao trabalho: Depois de sair de São Paulo - 2 horas de avião, 12 horas de ônibus, 6 horas de caminhonete e 4 horas de esperas - cheguei a São Félix do Araguaia pronto para começar. Não era a primeira vez que fazia esse trajeto, mas era a primeira vez que iria trabalhar com avaliação de projetos socioambientais. Durante a viagem fui organizando as ideias sobre entrevistas, grupos focais e questionários, com o que li, com o que foi falado na 1ª oficina em São Félix do Araguaia e a preparação que eu e Daniel fizemos em São Paulo. Focar em cada sujeito, entrar em cada realidade, achar o lugar do facilitador, fazer boas perguntas, não induzir as respostas, registrar as informações e analisá-las, sem perder a sensibilidade de perceber o invisível. Ufa! Será que consigo?”

Já estive nesses assentamentos e convivi com técnicos dessas instituições durante os últimos cinco anos, pessoas

que dedicam suas juventudes, suores e sonhos a esse trabalho. Sabia que iria encontrar resultados valiosos, mas também dificuldades ferrenhas. E que as expectativas são de que essa avaliação ajude a sistematizar resultados e aprendizados, mas também a apontar fraquezas e iluminar caminhos. Minha experiência morando no Mato Grosso e trabalhando para o Instituto Socioambiental (ISA), diretamente com o Projeto de Assentamento (PA) Brasil Novo, com a Rede de Sementes do Xingu (RSX) e ajudando a formar a AXA poderiam me ajudar, mas poderiam também tapar a minha visão. O desafio, a responsabilidade e a confiança em mim depositada me deram medo e, ao mesmo tempo, me estimularam a investir o máximo nesse trabalho. Espero sinceramente que contribua com o trabalho no Araguaia-Xingu”.

Eduardo Malta Campos Filho
Avaliador da MOVE2



© Alexandre Marcelo

Quadro pedagógico 2

TIPOS DE AVALIAÇÃO

Pelo momento em que ela é realizada	Avaliação prévia	É chamada também de "ex-ante", "a priori", ou pesquisa de viabilidade. Tem como objetivo gerar informações que meçam a qualidade da formulação de uma intervenção antes do processo ser financiado ou iniciado.
	Simultânea	É chamada também de "intermédia" ou "on-going". Tem como objeto gerar informações de uma intervenção que já está acontecendo no intuito de valorar possíveis mudanças estratégicas com respeito à proposta inicial.
	Final	É chamada de "encerramento". Procura valorizar o desempenho global da intervenção depois da finalização para trazer aprendizagens. Medirá a qualidade da intervenção e ajudará a melhorar o planejamento de intervenções semelhantes.
	Posterior	É chamada também de "ex-post" ou de "impacto". Procura valorizar os resultados de várias intervenções um tempo depois da sua finalização. Com maior perspectiva temporal é possível medir a verdadeira dimensão da intervenção.
Segundo seu objeto	Pelo propósito	Pode ser avaliação de "resultados", "objetivos" ou "processos".
	Pela sua natureza	Descritiva, detalhando fenômenos e processos, ou explicativa, construindo modelos causais.
	Escala	Grandes, que conferem maior importância aos processos quantitativos, ou pequenas, com mais possibilidades de avaliar qualitativamente os resultados
	Níveis de planejamento	Normativa, quando afeta a decisões políticas ou princípios norteadores da instituição; estratégica, quando ela é associada a planos de desenvolvimento; tática, quando foca em programas; ou operativa quando foca em projetos.
Segundo quem faz a avaliação	Externa	Há um especialista externo que realiza a avaliação
	Interna	Realizada pelos responsáveis pela gestão e execução da intervenção.
	Mista	É uma combinação das anteriores
	Participativa	Os beneficiários e parceiros da intervenção são inseridos significativamente no processo de avaliação
Segundo os instrumentos utilizados	Qualitativos	Os dados qualitativos são decorrentes de atitudes, percepções, opiniões, comportamentos, crenças, etc.
	Quantitativos	Os dados quantitativos procuram produzir dados, taxas, variáveis, etc.

O QUE APRENDEMOS NA AVALIAÇÃO?

PALAVRAS CHAVE: ABRANGÊNCIA, CULTURA ORGANIZACIONAL, ANÁLISE ESTRATÉGICA, POSICIONAMENTO, MUDANÇA, TURMA DA KOMBI, CICLO VICIOSO, ABORDAGEM, DEPENDÊNCIA

Depois da oficina de construção do processo de avaliação e da coleta de informações por meio de reuniões e entrevistas, os avaliadores elaboraram um completo relatório composto por uma parte qualitativa e outra quantitativa. Com os dados dos 120 questionários preenchidos elaborou-se uma ampla base de dados que será muito útil para o estudo da dinâmica socioambiental nos assentamentos de reforma agrária da região do Araguaia Xingu. As cinco reuniões de grupos focais realizadas em cada assentamento, com uma participação média de oito pessoas, serviram, junto às entrevistas pessoais, à construção de um completo relatório qualitativo. Fizemos questão de plasmar nesta publicação, como exercício de transparência e reflexão, as principais conclusões da avaliação tal e como foram apresentadas pela MOVE. Elas são o resultado de um processo de avaliação participativo e complexo e não refletem especificamente as opiniões das instituições.

Extrato do relatório de avaliação da MOVE:

Os dados quantitativos

As intervenções realizadas pelas organizações nos assentamentos geraram um conjunto de resultados que demonstram o mérito do trabalho realizado. Aqui estão apresentados dados que permitem uma observação geral sobre alguns dos campos estudados e uma análise das transformações geradas.

O impacto do projeto, o gado e a cultura organizacional

A análise do alcance da intervenção nos assentamentos e a presença do gado nos lotes gerou uma importante reflexão sobre as estratégias das organizações articuladas na AXA.

A abrangência do projeto assumiu como unidade o *número de famílias beneficiadas* no assentamento. Observa-se que as organizações trabalham com entre 5% e 10% das famílias de cada assentamento e estas, por sua vez, dedicam para os sistemas agroflorestais uma área média de até 5% do total do lote (o que significa 3,5 ha em um lote de 70 ha).

Desta maneira a área onde os sistemas agroflorestais foram implementados representam cerca de 0,5% do total do assentamento, índice pouco expressivo quando a análise está orientada para o impacto da intervenção. Conclui-se que o projeto tem resultados importantes e expressivos para um conjunto específico de famílias, mas não tem impacto sobre o assentamento como um todo, por não realizar uma mudança na sua estrutura produtiva e ambiental.

Os dados mostram que 57,2% dos beneficiários e 56,5% dos não beneficiários tem o gado entre as três principais fontes de renda para as famílias. É interessante notar que o gado está mais presente em lotes de famílias beneficiárias (83,3%) quando comparados com não-beneficiários (63,5%). A informação chama atenção por associar o projeto à presença mais forte de gado, o que gera questões de grande importância no que concerne à estratégia da AXA.

Uma primeira análise relacionou o gado à *segurança econômica* das famílias que participaram do projeto. Por ter a fruta e as sementes (menos expressivas) compondo suas fontes de renda, es-

TABELAS PRODUZIDAS A PARTIR DA APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS JUNTO A PRODUTORES RURAIS NOS PROJETOS DE ASSENTAMENTO GLEBA DOM PEDRO, BRASIL NOVO E MANAH.

Ao todo foram preenchidos 120 questionários, metade respondida por beneficiários (participantes das atividades da AXA) e metade por não beneficiários no intuito de permitir análises comparativas.

Floresta no lote	Beneficiários	Não Beneficiários
Presença de SAF* no lote (%)	63,9	11,8
Tamanho do SAF (hectares – média)	3,3	2,5
Diversidade de árvores úteis (nº médio)	11,9	7,3
Área do lote desmatada (% sobre total)	38,5	53,9
Assentado que recuperou floresta (%)	37	10,2
APP Cercada (%)	52,1	11,1
Localização da APP na beira de rios	72,7	46,3

Geração de renda	Beneficiários	Não Beneficiários
Fruta como fonte de renda (%)	46,9	10,7
Fruta entre 3 principais fontes de renda (%)	25,8	8,6
Coleta de sementes nativas (%)	10,4	1,8
Nº Médio de lavouras anuais comercializadas	3	1,3
Principal fonte renda: empreita ou diária	6,6	12,7
Principal fonte renda: salário - aposentadoria	27,9	49,1

Percepção benefícios da agrofloresta (Agrofloresta contribuiu para...)	Beneficiários	Não Beneficiários
Aumentar a qualidade da água (%)	46,8	12,9
Aumentar a qualidade do solo (%)	59,2	6,9
Aumentar uso de feijão de porco	25,5	6,5
Aumentar uso de feijão Guandu	26,1	0
Diminuir uso de Pesticidas	12,8	10,0
Diminuir compra de sementes em lojas	35,4	22,6
Diminuir uso de adubos químicos	14,0	6,5

Fogo	Beneficiários	Não Beneficiários
Usa fogo para produção	29,4	13
Ajudaram a fazer queimadas controladas (%)	61,4	20,4

Fonte: relatório de dados quantitativos dos questionários.

(*) SAF – Sistema Agroflorestal



Reunião de desenho da avaliação com os responsáveis das entidades da AXA. São Félix do Araguaia, maio 2011.

As famílias conseguiram manter o gado no lote, não precisando vendê-lo para fazer economias e pagar despesas correntes. Levanta-se a hipótese de que o projeto fortalece a diversificação de renda das famílias, diminui sua dependência do gado como poupança de alta liquidez, mantendo-o no lote como forma de consolidação de seu patrimônio. Dessa forma, a diversificação de renda gerada pelo projeto poderia ser uma explicação para a maior presença de gado entre beneficiários do que entre não beneficiários.

O fato de atuar com grupos que hoje tem mais gado em seus lotes levanta outras questões. O cenário de intervenção da AXA está orientado para os sistemas agroflorestais e a estrutura produtiva que envolve o pasto não constituiu um espaço de interesse e de atuação das organizações. Entretanto, sabe-se que o manejo do sistema de produção pecuária, que inclui um conjunto de técnicas de gestão de pastagens, pode trazer expressivas consequências para a recuperação do solo e da água, bem como para o aumento do número de árvores no lote.

Essas conclusões geraram, no seio da AXA, o debate sobre a necessidade de se olhar para o lote como unidade única, assumindo-o como espaço

produtivo global no qual os SAFs se inserem como parte específica e fragmento que compõe a totalidade da paisagem. A pecuária, que ocupa uma significativa área no lote é uma atividade central para o assentado, seja no seu imaginário (“o rico é o sujeito com muitas cabeças de gado”), ou no plano concreto, por sua importância econômica, torna-se uma questão central para o desenvolvimento das ações nos assentamentos. As organizações se perguntam: *devemos trabalhar com a pecuária? Devemos assumir o gado e as pastagens como espaços de intervenção?*

Essa questão envolve aspectos que escapam de uma simples análise das intervenções, pois significaria assumir o pasto como espaço de luta e desenhar estratégias e formas de nele atuar. A tensão é mais profunda e alcança a cultura das organizações que compõe a AXA e que tradicionalmente tem combatido a presença do gado nos assentamentos. Ponderar sobre a inclusão da pecuária a seu campo de atuação exige destas organizações rever posicionamentos históricos, concepções de desenvolvimento e suas lógicas de atuação organizacional. Há uma concepção política que precisa ser analisada para que as estratégias ganhem força e se tornem centros de refe-

rência. Porém, também existe aqui um convite a algo que pode ser, em certa medida, um fator de mudança entre modelos tradicionais de atuação no campo socioambiental orientada para outros olhares sobre o mundo, seus problemas, forças em disputa, sobre os papéis dos atores sociais e sobre as articulações estratégicas possíveis. Não se quer aqui afirmar que a história e as crenças devem ser abandonadas, mas que as escolhas sobre o futuro estejam ancoradas em uma profunda reflexão sobre o cenário atual e a posição que a organização pretende ocupar neste contexto.

“O gado pra mim é importante, que faço o requeijão, faço a coalhada, faço o doce, vendo o bezerro a hora que a gente tá apertado. Ah de nós se não fosse o gado pra ajudar. Só com o que a gente vende na feira não dá de comprar o remédio a hora que fica doente”. “eu já deixei de comprar remédio pra comprar as coisas pro gado”. (produtoras beneficiárias, PA Manah – MT).

“MEU PAI TEM TRÊS LOTES. MAS O PASTO NÃO AGÜENTA O GADO, ENTÃO A GENTE VIVE MUDANDO” (JOVEM BENEFICIÁRIO). “MEU PAI VENDEU TODO O GADO, PORQUE ELE TAVA VENDENDO QUE IA FICAR SEM PASTO, PRA NÃO FICAR COM VACA PASSANDO FOME” (JOVENS NÃO BENEFICIÁRIOS, PA BRASIL NOVO – MT).

“Lá no sítio é o marido que sabe do gado, eu não me interesso” “Lá no lote é mais ele que faz as coisas. Agora, no quintal sou eu”. Nós é sempre os dois juntos, no trabalho, na casa, nas contas.” (mulheres beneficiárias, PA Brasil Novo – MT).

Os participantes, a turma da Kombi e o ciclo vicioso

O grupo de beneficiários tem, quando comparado com os não beneficiários, maiores índices de participação em grupos sociais diversos (associações, grupos religiosos, sindicatos). Esse dado levantou a seguinte questão: o projeto está trabalhando com o grupo de produtores que historicamente tem maior adesão a trabalhos de natureza coletiva? Ou seria o projeto um favorecedor do associativismo entre os beneficiários? Os dados disponíveis não são suficientes para responder

essas ponderações de forma exata, mas indicam caminhos para sua compreensão.

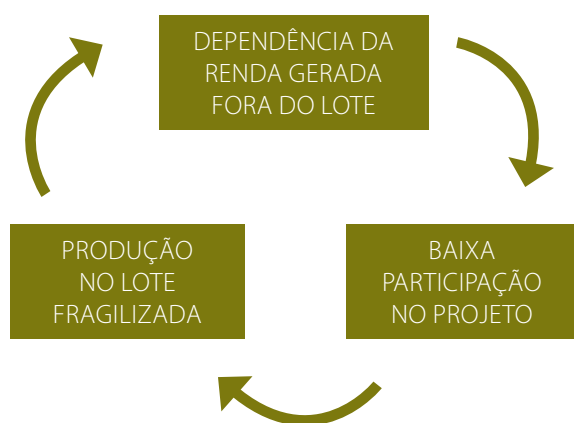
Caso a primeira hipótese seja confirmada e o projeto de fato tenha angariado produtores mais afeitos a processos comunitários, a expansão das ações para novos públicos será tarefa desafiadora e irá encontrar sujeitos pouco propensos a realizar ações em grupo. Ações de mobilização e engajamento junto a esses públicos podem exigir estratégias novas e mais criativas.

Ao mesmo tempo foram colhidos relatos das famílias beneficiárias sobre a menor mobilização social atual quando comparada ao passado. A participação em reuniões promovidas pelas organizações, o número de encontros realizados, os mutirões e outros momentos coletivos são atividades que perderam força e adesão recentemente. Entende-se que conflitos e frustrações relativas ao desenvolvimento de projetos de grupos e de associações, a monotonia das reuniões, em suas formas e conteúdos, as dificuldades de se planejar em conjunto e de gerir projetos, bem como problemas de comunicação intra-grupos e com as organizações da AXA são variáveis que contribuíram para o árido cenário de engajamento social atual. Afirma-se, por exemplo, que os grupos de jovens estão hoje todos desmobilizados. Dos grupos de mulheres assessorados pelas organizações, resta apenas um. Os demais grupos, dominados pelos homens, têm dificuldades de expor seus problemas internos e enfrentá-los. A persistência desses problemas gera desânimo e descrença, o que imobiliza o processo e inibe o desenvolvimento social. Associa-se a esta discussão o fato de muitos beneficiários estarem hoje em idade avançada, e de que os grupos não encontram renovação pela ausência de participação da juventude. A questão que paira sobre a AXA é: *O que hoje leva produtores a fazerem parte de grupos?* E circula-se sobre esta pergunta a ideia de que impulsionar mecanismos geradores de renda, que atuem diretamente no fortalecimento da saúde financeira das famílias, é um dispositivo possível para estimular a ação coletiva.

Outra variável diz respeito à dependência dos produtores de recursos obtidos fora do lote. Observa-se que as rendas obtidas com salários, ne-

gócios próprios e aposentadorias, que apontam para trabalho fixo fora do lote, somam 40,3% dos beneficiários contra 64,3% dos não beneficiários, o que demonstra que não beneficiários tem maior dependência de trabalho externo do que o grupo envolvido com o projeto. A renda obtida com trabalhos temporários fora do lote, como diárias e empreitas, está entre as três principais fontes de renda para 42,3% dos beneficiários e 27,9% dos não beneficiários.

Dessa forma, a menor dependência de fontes de renda fixa fora do lote associada à maior adesão a movimentos de natureza comunitária pode ter influenciado a escolha dessas famílias para as intervenções das organizações, ao mesmo tempo em que pode ser resultado delas. Ambos são aspectos relevantes sobre a composição do grupo. Na investigação qualitativa foram apontadas dúvidas sobre os critérios para a seleção das famílias beneficiárias e a perspectiva de que se trabalhava com “panelinhas”. Entre as lideranças da AXA aparece outra imagem, com conotação semelhante: “estariamos trabalhando sempre com a turma da Kombi?”. Estes podem ser entendidos como os que se dispõem a atuar coletivamente, a espremer-se entre bancos surrados de um velho Volkswagen, por carregarem a cultura do coletivo e, fundamentalmente, por disporem de tempo para as atividades do projeto no lote. Uma vez que atuam nesses projetos, os beneficiários saem menos para ganhar o pão em outras áreas. As perguntas subsequentes são “até quando queremos trabalhar somente com este grupo?”, “este é o tamanho de nossa intervenção?”, “ficaremos aqui?”.



Uma consequência hipotética desse cenário é o início de um *ciclo vicioso* causado pela dinâmica da dependência da renda fixa obtida com trabalho fora do lote, que leva à fragilização da produção própria. Essa fragilidade se traduz pela redução das alternativas de fontes de renda para o produtor. A baixa participação em reuniões dificulta o processo, uma vez que nesse espaço circulam informações técnicas para a melhoria da produção. Segundo essa hipótese, quem não fica no lote, não produz para si e não participa de reuniões ou de cursos, acaba por não observar uma melhora em sua produção, permanecendo dependente da renda obtida com o trabalho fora do lote.

Como sair desse ciclo vicioso para entrar em um ciclo virtuoso, onde quem produz mais no lote depende menos da obtenção de renda trabalhando fora? Como poder participar mais de reuniões e de cursos e dedicar-se mais a sua própria produção, diversificando-a e melhorando-a com o tempo?. Aventa-se junto ao grupo de lideranças da AXA que um caminho pode ser a melhoria e o incremento da própria renda da pecuária, que já representa uma fonte de renda para 60,9% dos beneficiários. Outro caminho pode ser buscar maior envolvimento de jovens e de mulheres, pois geralmente são os homens adultos que deixam o lote para trabalhar. Essas são novas questões para o horizonte do projeto.

“D aí quando essas plantas começaram a produzir que eu vi que eu tava errado largando meu lote e trabalhando pros outros. Quando a gente trabalha pros outros, a gente tá tirando um sustento daquilo. Mas quem tá tirando o sustento maior é o outro que a gente tá trabalhando pra ele. O lucro maior tá sendo dele. A gente não passa de trabalhando pros outros, o tempo inteiro” (produtor beneficiário, PA Manah – MT).

“O DIFÍCIL É CONVENCER AS PESSOAS. AS PESSOAS NÃO ACEITAM. ESSE GRUPO TEM UMA REJEIÇÃO GRANDE NA AGLOMERAÇÃO SOCIAL, NÓS SOMOS CONSIDERADOS COMO PRELAZIA, TROPA DE PREGUIÇOSO, SEM FUTURO, QUE EM VEZ DE PLANTAR CAPIM TÁ ARRANCANDO, QUE NÃO QUER TRABALHAR, QUE NÃO QUER GERAR RENDA, QUE NÃO QUER CRESCER. E A VISÃO DELES É QUE CRESCIMENTO É PASTO E GADO. E SE AGLOMERAR, NÃO VAI ACHAR 20 QUE QUER SEGUIR NO CAMINHO” (PRODUTORES BENEFICIÁRIOS, PA MANAH – MT).

O Casadão é um plantio que o retorno dele é demorado. A gente vai ter retorno, no mínimo, daqui três ou quatro anos. E tem muitas pessoas que não querem fazer um investimento dessa maneira. Preferem deixar a área sem árvore, pra poder passar um trator, gradear, por gado” (produtor beneficiário, PA Manah – MT).

O PEQUENO NÚMERO DE TÉCNICOS DAS INSTITUIÇÕES QUE TRABALHAM NO ASSENTAMENTO LIMITA A CAPACIDADE DE TRABALHO. (...). A PROPOSTA TENTA SER FLEXÍVEL E DIALOGANTE, MAS TEM CARACTERÍSTICAS BEM MARCANTES: A QUESTÃO DA AGROECOLOGIA, DO NÃO USO DOS AGROTÓXICOS, A QUESTÃO DA RECUPERAÇÃO, DO FOGO, DA DIVERSIFICAÇÃO DOS PLANTIOS. E ISSO TEM PESSOAS QUE NÃO ACEITAM, QUE CONTINUAM ACREDITANDO NO MODELO CONVENCIONAL, DO GADO, E NÃO ESTÃO DISPOSTAS A INVESTIR O TEMPO DELAS EM OUTRAS ATIVIDADES” (TÉCNICO DA ANSA).

DE VEZ EM QUANDO A GENTE PARTICIPA DE ALGUMA REUNIÃO DA ANSA, MAS NÃO É VÁRIAS QUE A GENTE PARTICIPA. AGORA VAMOS VER SE A GENTE TOCA O BARCO PRA FRENTE, NÉ?” “TÔ PARADO. TEM QUE VER OS PROJETOS DA ANSA AÍ O QUE VAI VIRAR. EU QUERO ENTRAR NESSA COLHEITA DE SEMENTE DELA AÍ, NÉ. ANO PASSADO COLHI E ESSE ANO TÔ COLHENDO DE NOVO. COLHI ANO PASSADO E PASSEI NA CONTA DA MINHA IRMÃ, NÉ. EU NUNCA PARTICIPEI DE NADA NÃO, AGORA QUE NÓS TAMO ENTRANDO NESSA DO CASADÃO (PRODUTOR NÃO-BENEFICIÁRIO DO PA GLEBA DOM PEDRO – MT).

Os que saíram e os que criticavam, acabaram fortalecendo o grupo, que se sentiu na responsabilidade de provar que a proposta dá certo. “olha o grupo dos preguiçosos, que vai só de reunião em reunião”. “E quanto mais nos criticavam, mais a gente tentava botar em prática”. “Vamos plantar que não é possível que esse grupo vai morrer!” “e eles chegaram a ter 40 vacas e hoje não tem nenhuma. Eu continuo com as minhas 10 e meu pomarzinho tá crescendo, já to com um alqueire e tanto”. Chamavam o nosso de quiçaza, mas foi o pasto deles que virou quiçaza” (produtores beneficiários, PA Gleba Dom Pedro – MT);

O TRABALHO COM A ORGANIZAÇÃO DOS GRUPOS RESPEITA O RITMO DA COMUNIDADE QUE, ÀS VEZES DÁ UM PASSO PARA

FRENTE E DOIS PARA TRÁS. BUSCAM AJUDAR A OBJETIVAR AS DISCUSSÕES COMO FORMA DE MEDIAR CONFLITOS, RESSALTAR AS COISAS QUE UNEM AS PESSOAS, QUE BENEFICIAM O COLETIVO” (TÉCNICO DA ANSA).

O fogo, as sementes e as frutas

A campanha contra o uso irracional do fogo influenciou os beneficiários a praticarem queimadas controladas, conforme apontado nos dados da tabela da página 32. Entretanto, as alternativas ao uso do fogo ainda não foram bem incorporadas por quase um terço dos beneficiários: 29,4% admitiram ainda usar fogo para a produção no lote, contra 13% dos não beneficiários. Verificou-se pouca diferença no uso do fogo entre beneficiários e não beneficiários nos seguintes aspectos: queimar lixo (6,3% BEN e 10,7% NBEN¹), renovação de pastagens (17,2% BEN e 16,1% NBEN) e abertura de áreas (desmatamento) (4,7% BEN e 0% NBEN). A mesma proporção de beneficiários e não beneficiários (22%) maneja o fogo com cuidados como avisar os vizinhos, fazer aceiro, pedir apoio de outros quando utiliza o fogo, ficar na área até o fogo apagar e procurar épocas e horários adequados. Assim, com base nos dados quantitativos não se observa um efeito significativo do projeto relacionado ao uso racional do fogo quando os dois grupos são comparados.

As frutas, que se situam entre as três principais fontes de renda para quem as produz, apresentam alguns desafios de consolidação. O planejamento da produção e da compra e a logística de coleta dos produtos nos assentamentos encontram equações complexas que já resultaram na perda parcial da produção. Esta situação, ainda que ocasional, alimenta a inquietação de que a fruticultura pode não se tornar uma fonte de renda confiável, o que leva à inibição do investimento dos assentados em novos e maiores plantios.

Por outro lado, com relação à comercialização de sementes, realizada por meio da Rede de Sementes

¹ BEN: Beneficiários e NBEN: Não Beneficiários

do Xingu (RSX), observam-se dados estimulantes. Ainda que a coleta de sementes tenha importância na renda para um grupo menor de beneficiários quando comparada com a fruticultura, seus retornos financeiros são expressivos. As sementes, para quem as comercializa, ocupam posições entre as três principais fontes de renda no lote.

Ao mesmo tempo a estrutura produtiva da rede de sementes já apresenta uma lógica madura em seu ciclo gerencial, desde os acordos preliminares, planejamento de produção e coleta à entrega e definição de preços. A observação dessa característica da rede quando comparada à arquitetura de gestão da fruticultura sugere que as experiências gerenciais podem ser intercambiadas para apoiar o fortalecimento da atividade com frutas e ao mesmo tempo seguir desenvolvendo a própria rede de sementes.

“Os beneficiários vêm hoje as vantagens que o não uso do fogo, a adubação verde e a diversificação de culturas podem trazer. Mas parece esperarem que dê uma renda fixa e maior. Enquanto essa expectativa continuar e os que saíram na frente não alcançarem isso, os demais vão resistir em pegar esse caminho”. Avaliador

“A MAIORIA NÃO PLANTA POR CAUSA DISSO: AMANHÃ O FOGO VEM, QUEIMA TUDO. ENTÃO NÃO VOU PLANTAR” (PRODUTORES NÃO BENEFICIÁRIOS), “A MAIOR PLANTAÇÃO QUE A GENTE TINHA ERA OS MARACUJÁ, O FOGO VEIO E QUEIMOU, QUE A GENTE TEM BASTANTE DIFICULDADE COM ISSO, NÉ. ANO PASSADO QUEIMOU NOSSA POSSE AQUI, QUE VEIO DO VIZINHO. QUANDO A BRIGADA CHEGOU AQUI JÁ ERA TARDE, JÁ TINHA QUEIMADO. A GENTE FORNECIA BASTANTE PRA ANSA” (JOVEM BENEFICIÁRIA) E “NÓS TIVEMOS COMO GRANDE INIMIGO O FOGO. ACHO QUE NÃO TEVE NENHUM QUE NÃO TEVE PERDA COM O FOGO. EU COM PLANTIO DE 5 HECTARES, COM 3 ANOS, O FOGO ENTROU DE UM LADO E SAIU DO OUTRO. CONDENOU. ESCAPOU PARTES. VEIO O DESESTÍMULO ATÉ QUE VOCÊ RECUPERA” (PRODUTOR BENEFICIADO, PA GLEBA DOM PEDRO – MT)

“Antes, sem freezers e ligando no orelhão, era muito difícil. Sabia-se apenas da produção de quem atendia, não de quem estava longe. Aconteceu

do caminhão quebrar ou voltar vazio, o que acarretava em custos absurdos para a fábrica. Com o celular e os freezers, o caminhão agora já sai sabendo mais ou menos a quantidade de frutas que vai trazer. Além disso, com o histórico de entregas de um ano, é possível fazer um planejamento mais razoável para o próximo ano” (técnico da ANSA).

Percepção (imagem) das organizações

As organizações avaliadas são valorizadas pelo apoio para a produção e para a construção da cidadania, em contraste com o que as políticas públicas tem lhes oferecido. As organizações são comumente associadas ao movimento ambientalista e à política de esquerda. Alguns assentados relataram que não participam do trabalho porque não pretendem parar de utilizar insumos químicos, enquanto outros disseram que têm medo de retaliações de grandes fazendeiros e autoridades como prefeitos, vereadores e deputados de partidos que representam outros interesses.

Os assentados buscam as organizações para lhes assessorar em assuntos determinados, como meio ambiente e direitos humanos, enquanto procuram outras entidades para falar de temas como pecuária, financiamentos, infraestrutura, apoio à comercialização, etc. Devido ao fato de as organizações não estarem associadas a essas questões, sua penetração e atuação em campos que sejam de seu interesse estratégico torna-se mais difícil.

Os relatórios Imagem da Organização, apresentados no conjunto de documentos da avaliação apresentam uma descrição mais detalhada da percepção das organizações pelos assentados.

“O nome “ANSA” tem peso. Nós não conseguiríamos contrato com a Conab se não fosse pela ANSA” (produtores beneficiários). “Eles têm diálogo. Têm porta aberta para o diálogo.” A gente paga sindicato, paga o INCRA, paga essas coisas. Mas vê eles vêm aqui pra ajudar? Vem nada! (mulheres beneficiárias). “Eu acho que eles conseguiram trazer mudança pro assentamento, sim. Até então, antes de a gente conhecer a ANSA, estar por dentro do projeto deles, aqui em casa não tinha isso. Só depois a gente começou a fazer



Família de assentados do PA Brasil Novo, Querência (MT).

plantios, a aprofundar mais na terra. Não só aqui, mas muita gente. Antes plantava só pro consumo da gente. Tinha pouca coisa mesmo. Não aprofundava nessas plantas como murici, buriti, bacaba, que a gente veio do Goiás e nem conhecia isso. Foi a partir daí que a gente foi gostando do projeto, conhecendo as frutas, que eles incentivam bastante também na escola o consumo de polpas de frutas, ao invés do suco industrializado de fora. E muita gente tá mudando o consumo. Aqui em casa mesmo, meu pai não pode nem ouvir falar de suco artificial” (jovem beneficiária). PA Gleba Dom Pedro.

“VÁRIAS COISAS QUE A GENTE TINHA DIREITO, QUE NÃO SABIA, QUE POR INTERMÉDIO DO TRABALHO DA CPT A GENTE PASSOU A TER CONHECIMENTO” (PRODUTOR BENEFICIÁRIO, PA MANAH – MT).

“Eu vi em muito intercâmbio os plantios assim, desenvolvidos. E eu acreditei que a região aqui ia desenvolver assim também. E o incentivo da CPT e da ATV, que falava pra gente que aquilo dava (produtor beneficiário, PA).

O papel da AXA – outras ponderações

Outros aspectos foram abordados pelo grupo ao longo do debate, sejam relacionados a novas ponderações ou a recomendações:

- Fortalecer a AXA como espaço para enfrentar os desafios desenhados. Manter a chama viva da articulação como espaço de discussão estratégica e de desenvolvimento de sinergias entre as organizações. Buscar realizar ações integradas que envolvam mais de uma organização em uma mesma ação.
- Apoiar o planejamento da produção do lote como um todo, considerando todos os ciclos produtivos (plantio, colheita, comercialização) e buscando a gestão integrada do gado, frutas e sementes. Esta orientação escapa aos limites das áreas específicas para a agrofloresta e cria um olhar sobre todo o sistema de produção do assentado. Uma questão que surge, no bojo deste debate, é: qual o modelo de assentamento que queremos?
- A AXA pode estudar aproximar-se do poder público como estratégia de atuação nos assentamentos.
- Buscar a qualificação dos técnicos para oferecer assistência técnica consistente, para além de conhecimentos básicos e iniciais sobre os assuntos, etapa essa já superada no processo. Neste momento se faz necessário aprofundar o repertório de competências dos responsáveis

pela atuação direta nos assentamentos para sustentar as propostas que estão em produção, assim como ampliar a sua potência produtiva.

- Conhecer mais e melhor os sonhos, as vontades e as possibilidades dos assentados e o alinhamento desses com os sonhos, as vontades e as possibilidades das organizações. Pondera-se em que medidas as organizações levam para os assentamentos um conjunto de propostas com contornos pré-definidos e marcadas pela sua própria agenda com pouco espaço para a influência efetiva dos produtores rurais.
- Estruturar condições para lidar com a articulação, fortalecimento e autonomia das instâncias coletivas, o que inclui assessorá-los em seus projetos. Este aspecto convida a olhar novas e criativas formas de apoio para impactar de fato a organização de grupos.
- A AXA pode aprofundar a análise sobre como cada uma das organizações que a compõe realiza as suas intervenções, numa dinâmica de estudos de experiências e casos. Este debate deve ser orientado para o quê cada organização faz, o porquê faz, o como faz e o que percebe do que se faz. O espaço é destinado a

explorar casos concretos e experiências vividas e deve evitar cair no discurso institucional do que se deseja fazer, o que se idealiza. A conversa é sobre a matéria e não sobre teses.

No ponto anterior, observa-se que existem questões semelhantes entre assentamentos e terras indígenas da região, notadamente nos eixos da soberania alimentar e da geração de renda, que passam por questões de uso do fogo, pecuária e organização comunitária. A presença da OPAN na AXA contribui para estimular o intercâmbio e a troca de experiências sobre esses assuntos.

“Nós queria uma despoldadeira, queria a ampliação da nossa farinheira, queria uma cozinha. Que nós temos o fogão industrial, as painelas, tudo, mas não pode deixar lá no barracão da associação porque o povo pega” (mulheres beneficiárias). “Eu queria cercar minha reserva lá e não deixar colchete, pro gado não entrar mesmo”. “Eu queria aumentar o Casadão”. Eu queria ampliar o Casadão e fazer uma represinha pra peixe” “Ah, eu também!” “Eu tô pensando em reflorestar do quintal até lá na grotá” “Eu tô pensando em melhorar o jeito de eu ir pra feira, que de moto é muito sofrido” “Eu quero fazer uma horta pra levar pra feira também” “eu quero plantar mais mandioca pra fazer farinha” (produtoras beneficiárias, PA Manah – MT).



© Alexandre Macedo

Família de assentados do PA Gleba Dom Pedro, São Félix do Araguaia (MT).

O QUE FIZEMOS COM TUDO ISSO?

1. Oficinas de devolução dos projetos

A devolutiva dos resultados da avaliação para os assentamentos que dela participaram foi responsabilidade das organizações que compõem a AXA, segundo acordo construído na primeira oficina da avaliação (maio de 2011). O seguinte plano foi elaborado para avançar com estas devolutivas:

- ISA fez uma apresentação em outubro de 2011. No período da manhã o público foi composto por beneficiários do projeto. Pela tarde foi convidada toda a comunidade. Cópias do relatório, em versão resumida, foram disponibilizadas.
- A CPT realizou a devolutiva em março de 2012, integrando beneficiários e não beneficiários do projeto. A CPT propôs que as demais organizações que compõem a AXA estivessem presentes, principalmente aquelas que têm ação regular no PA Manah.
- A ANSA realizou uma oficina de devolutiva no assentamento com leituras e discussões no final de 2011. Todos os técnicos, a presidente e parte da diretoria da ANSA participaram da reunião.
- A coordenação do projeto PDA-Padeq compartilhou os resultados conseguidos pelo projeto em uma reunião realizada com os principais

Quadro pedagógico 3

TIPOS DE AVALIAÇÃO

O que é avaliação?	Compilação e análise sistemática de informações que permitem realizar julgamentos – também sistemáticos - sobre o mérito e o valor de uma intervenção.	
Funções da avaliação	Melhora (improvement)	Aperfeiçoamento da intervenção ou da política/estratégia.
		Permite a retroalimentação e a aprendizagem sobre a própria prática.
		Garante a qualidade das intervenções.
		Reforça a atenção ao contexto do programa, às necessidades e à natureza dos beneficiários, parceiros e dos agentes críticos.
	Prestação de contas (accountability)	Prestação de contas ou responsabilidade sobre a gestão e resultados da intervenção.
		Prática que forma parte de um comportamento democrático de mostrar em que e como são usados os recursos.
	Iluminação (enlightenment)	Mostrar exemplos, casos práticos que indiquem futuras intervenções.
		Contribui a construir conhecimento desde enfoques teóricos, técnicos e metodológicos.
		Orienta sobre como abordar os problemas socioambientais.
Propósitos	Facilitar o processo de tomada de decisões	
	Solucionar problemas	
	Facilitar a aprendizagem organizacional e a mudança institucional	
Características	Caráter político	Contextualizada, sensibilidade social e política, oportuna no tempo, realista, flexibilidade metodológica, imparcialidade, participativa
	Caráter prático	



© Carlos García Paret

Apresentação do documentário “a resposta da terra” mostrando aos próprios protagonistas os resultados das experiências socioambientais desenvolvidas.

responsáveis do programa Pequenos Projetos Demonstrativos (PDA) do Ministério de Meio Ambiente em Brasília em setembro de 2012.

2. Presença da AXA na Rio +20

Na conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável celebrada no Rio de Janeiro em junho de 2012, as entidades da AXA tiveram uma importante participação. Realizou-se um seminário específico organizado pelo projeto “disseminando a cultura agroflorestal na região do Araguaia Xingu” com presença de todas as entidades da AXA, do Ministério de Meio Ambiente e do Instituto Sociedade Proteção e Natureza. Nele, mostraram-se a realidade e as problemáticas da região e o trabalho desenvolvido pela AXA. Também, foi apresentado o documentário “A resposta da Terra”. Ao todo aproximadamente mil pessoas participaram dos eventos realizados pelas entidades da AXA. Um destaque em meio a esses eventos foi a campanha de apoio ao povo Xavante da terra indígena Marãiwatséde (MT), desenvolvida pela organização Amazônia Nativa, que teve um lugar central nas mobilizações realizadas naqueles dias.

3. Novos projetos e novas abordagens

Os resultados da avaliação trouxeram reflexões e pontos de vista que foram incorporados a no-

vos projetos. A melhora e a consolidação do processo produtivo e de comercialização das sementes e das frutas foram incluídas no projeto aprovado pelo Fundo Amazônia e que foi apresentado pelo ISA em consórcio com as demais entidades da AXA. A perspectiva de trabalhar com novos grupos, dando um maior protagonismo aos jovens, e incorporar uma abordagem integral da propriedade, incorporando os desafios da pecuária sustentável, fizeram parte da abordagem do projeto apresentado ao FUNBIO pela ANSA em consórcio com as outras entidades. O compromisso com o fortalecimento da Articulação Xingu Araguaia como ator interinstitucional com maior visibilidade, diálogo social e político e como interlocutor dos assentados do Araguaia Xingu é uma meta clara das organizações que a compõem.

4. Desenvolvimento do site da AXA:

<http://www.axa.org.br/>

O website da AXA foi desenvolvido em 2012 e lançado em 2013 com o intuito de ser uma ferramenta de divulgação da realidade do Araguaia Xingu, de partilha dos principais trabalhos da AXA e de informação e participação por meio do blog de notícias que visa significar e fortalecer o movimento socioambiental da região.

EXECUÇÃO



PARCEIROS



APOIO



Ministério do
Meio Ambiente

